

6

Proposta de curso

Neste capítulo, propomos um curso a distância de produção textual em língua materna para uma turma de, no máximo, 30 alunos, divididos em grupos de 5. A princípio, faremos uma introdução sobre em que consiste o curso. A seguir, passamos à exposição do conteúdo teórico proposto e das atividades indicadas.

6.1

Introdução

O curso que desenvolvemos com base no levantamento de necessidades e na revisão de literatura usa o aplicativo “Word” por ser este o editor de texto mais acessível a todas as pessoas. Se utilizássemos uma outra mídia, correríamos o risco de nem todos poderem acessá-lo. Apresentamos a proposta de curso exatamente na forma prevista de visualização por parte dos alunos a partir da seção 6.2 – por isso, não utilizamos legendas nas figuras e tabelas, e não colocamos, como anexos, os textos indicados. O conteúdo se apresenta dividido em unidades, que, por sua vez, são divididas em seções. Ao final de cada seção, os alunos são levados à sugestão de um texto e, dentro de cada unidade, há uma sugestão de cena de um filme. Tal prática busca fazer com que a hipermodalidade seja um recurso que motive os alunos e, ao mesmo tempo, otimize a construção de conhecimento. Por fim, ainda a cada seção, há tarefas individuais – dentre elas, um jogo – e em grupo, bem como indicações de tópicos gramaticais.

Todos os “hiperlinks” foram indicados com o símbolo . O intuito é fazer com que os alunos naveguem por esses hipertextos de forma a garantirem, ao final do curso, maior autonomia de estudo. Esses materiais se encontram no que chamamos de **ambiente do acervo**. Acreditamos que esses recursos favoreçam práticas de linguagem interacionais, e contribuam

para a construção do sentido ancorada na cognição socialmente situada, e não no conteúdo apenas.

Além do **ambiente do conteúdo**, onde expomos o conteúdo programático do curso, e do **ambiente do acervo**, onde disponibilizamos o material auxiliar e as atividades propostas, também privilegiamos a navegação dos alunos por outros ambientes: o **ambiente da interação** permite que os alunos entreguem seus trabalhos ao professor e aos colegas, e interajam com os outros participantes a respeito do conteúdo e das atividades do curso; o “**lounge**” permite que os alunos possam conversar com seus colegas sobre quaisquer outros assuntos (a conversa de corredor); o **mural virtual**, por onde os alunos conferem as datas de entrega das tarefas, e tomam conhecimento de artigos e matérias interessantes postados pelo professor e indicados pelos próprios alunos; por fim, o **boletim virtual**, por onde os alunos têm acesso a suas notas, e a seus trabalhos corrigidos e comentados. O importante é que os alunos naveguem por essas áreas com autonomia para direcionar o estudo.

As dúvidas podem ser encaminhadas ao professor por “e-mail”, caso os alunos queiram privacidade, ou pelo fórum de discussões no ambiente da interação. O mesmo vale para os trabalhos a serem entregues – ora são entregues, particularmente, por “e-mail”, ora são entregues pelo fórum de discussões para que todos possam vê-los.

Nossa intenção neste curso é que os alunos tenham tempo para produzir textos – individualmente e em grupo. A produção de texto em grupo é o diferencial desse curso frente aos outros pesquisados, que não privilegiam a interação entre alunos, e entre alunos e professor, como discutido na seção 5.3 – Cursos oferecidos na internet. Seguindo nossa fundamentação teórica, a exposição de teoria foi integrada às práticas de linguagem, com exposições de conteúdo gramatical para acesso sempre que o professor diagnosticar ser necessário.

O curso prevê uma carga horária de 60 horas, divididas em 10 horas de interação professor-aluno-conteúdo, e 50 de produção textual individual e em grupo, estendidas durante quatro meses. Apesar de reconhecermos que cada aluno tem um ritmo próprio de construção de conhecimento e que uma das vantagens do ensino a distância é a flexibilidade do trabalho, de

uma forma geral, esperamos que cada aluno dedique 4 horas semanais, aproximadamente, a seus estudos. Essa dedicação cobrirá a participação em “chats” com dia e hora marcados, em fóruns de discussão, e na realização de trabalhos individuais e em grupo. Os primeiros dias do curso visam familiarizar os alunos com os ambientes disponibilizados e promover a realização das tarefas iniciais. Após esclarecidas todas as dúvidas com relação à ferramenta utilizada, damos início à realização das atividades propriamente ditas. A tabela 14 detalha o planejamento do curso.

Tabela 14 – Planejamento do curso

ATIVIDADE	PRAZO EM SEMANAS
Unidade 1: abertura (ambientação e tarefas iniciais)	1
Unidade 2: linguagem e comunicação	4
2.1 Linguagem (individual e em grupo)	1
2.2 Linguagem verbal e não-verbal (individual e em grupo)	1
2.3 Uso da linguagem (individual e em grupo)	1
2.4 Gramaticalidade “versus” agramaticalidade (individual e em grupo)	1
Unidade 3: texto	5
3.1 Definição (individual e em grupo)	1
3.2 Produção e co-produção de textos – vozes do texto (individual e em grupo)	1
3.3 Texto oral e texto escrito (individual e em grupo)	1
3.4 Clareza e concisão (individual e em grupo)	1
3.5 Coerência e coesão (individual e em grupo)	1
Unidade 4: construção do texto	3
4.1 Fluxo de tópico, entidade tópica, subtópicos e tema (individual e em grupo)	1
4.2 Planejamento do texto (individual e em grupo)	1
4.3 Construção do texto (individual e em grupo)	1
Unidade 5: tipos e gêneros textuais	5
5.1 Texto argumentativo (individual e em grupo)	1
5.2 Resumo (individual e em grupo)	1
5.3 Resenha crítica (individual e em grupo)	1
5.4 Artigo acadêmico (individual e em grupo)	2
total	18 semanas

Além das tarefas a serem realizadas, o professor pode encaminhar os alunos ao ambiente do acervo para consultar aspectos gramaticais, seja para reforço, seja para esclarecimento de dúvidas. Incluímos dois exemplos do ambiente de acervo gramatical nas seções de conteúdo 2.1 e 2.2. A primeira tarefa individual proposta foi desenhada justamente para que o professor possa fazer uma análise diagnóstica da escritura de cada um dos alunos, individualmente, assim como das dificuldades gramaticais que possam apresentar. A partir dessa análise, o professor encaminha, à medida do necessário, os alunos ao ambiente do acervo.

Finalmente, tomamos uma abordagem processual tanto para o desenvolvimento da escritura quanto para o processo de avaliação. Os alunos escrevem e reescrevem, e são continuamente avaliados pelos

colegas e pelo professor, sendo que a nota de participação revela nossa preocupação com a interação. Para serem aprovados, os alunos precisam ter uma frequência mínima de 75% no curso, ou seja, precisam participar de 75% das discussões, e precisam obter uma nota final maior ou igual a 6,0 (seis). O curso prevê também, ao final, uma avaliação presencial e individual, que só poderá ser realizada pelos alunos que obtiverem média nas tarefas maior ou igual a 6,0 (seis).

6.2

Desenho do curso

A partir desta seção, iniciamos o desenho do conteúdo de nossa proposta de curso “on-line” de produção textual em língua materna orientado por práticas de socioletramento.

Unidade 1: abertura



Nesta primeira unidade, veremos as principais diretrizes do curso **Produção Textual**.

1.1 Ensino a distância – EAD

O ensino a distância – EAD – já evoluiu muito e continua evoluindo através dos séculos. Embora já existam computadores desde a década de 40, somente na década de 70, o computador começou a ser utilizado para fins educacionais.

Hoje, devido à grande e rápida transformação tecnológica que vivemos, o EAD via internet toma grandes proporções. Com o surgimento da era tecnológica, passamos a desfrutar do computador e da internet, recursos que permitem que qualquer informação ou material – textos, sons e imagens – possam ser digitalizados e enviados, instantaneamente ou quase instantaneamente, a várias pessoas – em vários lugares –, que podem acessá-los ao mesmo tempo.

Entretanto, o mais importante não é a transmissão e a veiculação de informações, que, por si só, podem ser encontradas em livros, na televisão ou no rádio. O que é mais relevante é que as pessoas podem se comunicar a respeito dessas informações. Vivemos, portanto, na **sociedade da informação**, na **sociedade do conhecimento**. E é justamente sobre o pilar da interação que este curso foi construído.

1.2 Espaços virtuais



São eles:

- **ambiente do conteúdo**, por onde você poderá estudar todo o conteúdo do curso e ter acesso às tarefas propostas;
- **ambiente do acervo**, por onde você poderá navegar para acessar informações complementares ao conteúdo teórico do curso;
- **ambiente da interação**, por onde

você poderá interagir com seus colegas de grupo e com o professor – por meio de “chat” ou fórum de discussões – a respeito do conteúdo do curso e das tarefas propostas;

- “lounge”, por onde você poderá conversar com seus colegas sobre qualquer assunto, a qualquer hora.
- **mural virtual**, por onde você poderá conferir as datas de realização e entrega das tarefas, bem como eventuais artigos e matérias interessantes postados pelo professor e indicados por seus colegas;
- **boletim virtual**, por onde você poderá consultar suas notas e ter acesso a seus trabalhos corrigidos e comentados. Lembramos que este ambiente tem um acesso particular para cada aluno.

1.3 Professor



Esse professor fará uma avaliação não só de suas tarefas individuais e dos trabalhos de seu grupo como também de sua participação no curso, de suas contribuições nos trabalhos em grupo e nas discussões levantadas.

Sendo assim, sua avaliação depende de seu desempenho nas tarefas individuais e nos trabalhos em grupo, e, sobretudo, de sua participação durante o curso.

Quando você achar necessário, encaminhe suas dúvidas ao professor por “e-mail” caso seja uma dúvida particular, ou pelo **ambiente da interação**, por onde seus colegas também poderão ver suas dúvidas e as respostas do professor.

1.4 Avaliação

Você fará parte de um grupo diferente a cada unidade. Portanto, no início de cada unidade, vá até o **ambiente de interação** e verifique a que grupo

você pertence. É com esse grupo que você trabalhará durante toda a unidade. Quando do início da unidade seguinte, repita o mesmo procedimento.

Ao final de cada seção do curso – 2.1, 2.2, 2.3... –, você terá uma tarefa individual (**TI**) a ser realizada e entregue ao professor para. De cada tarefa, resultará uma nota parcial referente à unidade em questão.

Além dessa tarefa, você também encontrará o trabalho em grupo (**TG**) a respeito do assunto tratado na respectiva seção. Esse trabalho em grupo resultará em uma nota para o grupo. Portanto, você terá uma média da seção (**MS**), calculada da seguinte forma:

$$MS = (TI + TG) / 2$$

É bom lembrar que suas notas nos trabalhos em grupo estão condicionadas a sua participação na realização desses trabalhos.

Além disso, haverá ainda a nota que seus colegas (**NC**) lhe atribuirão e a nota de sua participação por unidade (**PU**), atribuída pelo professor. Sua nota da unidade (**NU**) é calculada por meio da seguinte fórmula:

$$NU = \{[(MS1 + MS2 + MS3 + \dots + MSN) / N] + [(NC + PU) / 2]\} / 2$$

Ao final do curso, sua nota será a média das tarefas (**MT**), calculada a partir da fórmula:

$$MT = NU2 + NU3 + NU4 + NU5$$

Por fim, você realizará uma avaliação presencial e individual. Contudo, se você tiver uma média nas tarefas menor que 5,0 (cinco),



você terá de repetir o curso para obter um melhor aproveitamento antes de realizar a avaliação presencial.

1.5 Material

Além das propostas de tarefas, você também encontrará, ao final de cada seção, uma sugestão de um texto, cujo objetivo é lhe motivar para a realização da respectiva tarefa. Além disso, a cada unidade, você encontrará a sugestão de um filme. Reflita sobre essas duas indicações e aproveite esse momento interdisciplinar.

Lembramos que cada cena de filme apresentará apenas um pequeno fragmento em respeito aos direitos autorais sobre a obra. Pelo mesmo motivo, só selecionamos textos literários que já estejam em domínio público.



1.6 Conteúdo programático



Unidade 1: abertura

- 1.1 Ensino a distância – EAD
- 1.2 Espaços virtuais
- 1.3 Professor
- 1.4 Avaliação
- 1.5 Material
- 1.6 Conteúdo programático
- 1.7 Objetivos
- 1.8 Tarefas

Unidade 2: linguagem e comunicação

- 2.1 Linguagem

- 2.2 Linguagem verbal e não-verbal
- 2.3 Uso da linguagem
- 2.4 Gramaticalidade “versus” agramaticalidade

Unidade 3: texto

- 3.1 Definição
- 3.2 Produção e co-produção de textos – vozes do texto
- 3.3 Texto oral e texto escrito
- 3.4 Clareza e concisão
- 3.5 Coerência e coesão

Unidade 4: construção do texto

- 4.1 Fluxo de tópico, entidade tópica, subtópicos e tema
- 4.2 Planejamento do texto
- 4.3 Construção do texto

Unidade 5: tipos e gêneros textuais

- 5.1 Texto argumentativo
- 5.2 Resumo
- 5.3 Resenha crítica
- 5.4 Artigo acadêmico

1.7 Objetivos

O objetivo do curso de **Produção Textual** é lhe várias oportunidades de aprendizagem. Sendo assim, esperamos que você:

- compreenda a linguagem como um processo eminentemente social e interativo;
- entenda o processo de produção de textos como altamente dependente da atuação dos participantes do processo comunicativo dentro de um contexto;
- produza textos coesos, coerentes e claros.



1.8 Tarefas



Escreva um parágrafo em que você fale de você, e conte sua experiência em EAD e suas expectativas para o curso. Coloque-o no **ambiente da interação**, na área do fórum.

Depois disso, dê uma olhada nas apresentações de seus colegas de turma e de grupo, e de seu professor. Neste momento, comente, no fórum, os pontos em comum ou diferentes entre seus colegas e você. Procure estabelecer uma rede de relações desde o primeiro momento do curso com seus colegas e com seu professor.

Sua última tarefa da **Abertura**: o professor marcou um “chat” com seu grupo. Não deixe de conferir, no **mural virtual**, a data e a hora do encontro de seu grupo.



Unidade 2: linguagem e comunicação

Nesta unidade, compreenderemos o quanto a **linguagem** interage com o contexto em que vivemos. Trataremos do que entendemos como linguagem, ou seja, dessa atividade que permeia nossas vidas a todo momento, e abordaremos os tipos de linguagem – verbal e não-verbal –, uma vez que entendemos que linguagem é tudo o que representa e categoriza as idéias do mundo.

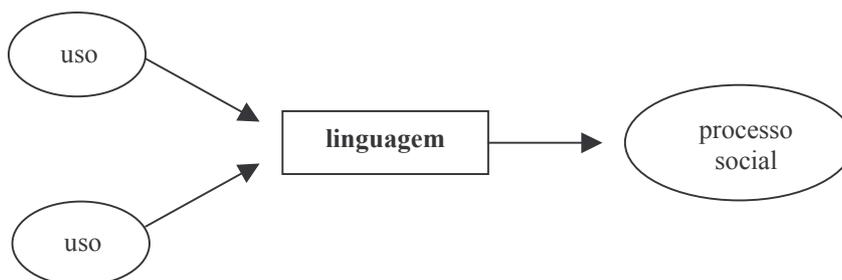
Como a linguagem é uma atividade eminentemente social, discutiremos a diferença entre correção e adequação de linguagem.



2.1 Linguagem

Inicialmente, os homens se comunicavam uns com os outros por meio de **imagens**. O homem primitivo realizava verdadeiras narrativas nas rochas, desenhando com lanças, pedaços de pau, pedras, chifres de animais... Depois disso, o homem descobriu os desenhos chamados **ideogramas**. Com apenas um ideograma, o homem podia expressar idéias completas. A seguir, a humanidade passou a usar os **alfabetos**. Por meio destes, foi possível comunicar tudo, todo tipo de situação, e com uma grande precisão.

Contudo, sempre existiu, na história do pensamento lingüístico, uma grande discussão a respeito do que se entende por linguagem. Neste curso, vamos entender **linguagem** como **o instrumento que permite a comunicação por meio da representação das idéias que estão no mundo, categorizando-as**. Por fim, entendemos a **linguagem** como um **processo social** – determinado pelo uso e determinante do uso.



 **Texto:** BARRETO, Lima. O homem que sabia javanês. In: MORICONI, Ítalo (Org.) *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

No conto “O homem que sabia javanês”, de Lima Barreto, Castelo recorre à linguagem para ganhar dinheiro. Contudo, é essa mesma linguagem e a interação com as pessoas no meio social que nos permitem aprender uma nova língua.

O Homem que sabia Javanês

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

– Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!

– Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho agüentado lá, no consulado !

– Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

– Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!

– Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?

– Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.

– Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?

– Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

– Eu tinha chegado havia pouco ao Rio estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no Jornal do Comércio o anúncio seguinte:

“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc.” Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os “cadáveres”. Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a Grande Encyclopédie, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e a língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maleo-polinésico, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A Encyclopédie dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronúncia figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras.

Na minha cabeça dançavam hieróglifos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los. À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei no quarto a engolir o meu “a-b-c”

malaio, e, com tanto afinco levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos alugueis dos cômodos:

– Senhor Castelo, quando salda a sua conta?

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança:

– Breve... Espere um pouco... Tenha paciência... Vou ser nomeado professor de javanês, e...

Por aí o homem interrompeu-me:

– Que diabo vem a ser isso, Senhor Castelo?

Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem:

– É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é?

Oh! alma ingênua! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquele falar forte dos portugueses:

– Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macau. E o senhor sabe isso, Senhor Castelo?

Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava ele. Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo Jornal e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, Barão de Jacuecanga, à Rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que número. E preciso não te esqueceres que entretantes continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês. Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder “como está o senhor?” - e duas ou três regras de gramática, lastrado todo esse saber com vinte palavras do léxico.

Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil - podes ficar certo - aprender o javanês... Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, Com maternal carinho, as anosas mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava mal tratada, mas não sei porque me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crótons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores mortijas. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo preto africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos...

Esprei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

– Eu sou, avancei, o professor de javanês, que o senhor disse precisar.

– Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?

– Não, sou de Canavieiras.

– Como? fez ele. Fale um pouco alto, que sou surdo.

– Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu.

– Onde fez os seus estudos?

– Em São Salvador.

– E onde aprendeu o javanês? indagou ele, com aquela teimosia peculiar aos velhos.

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Contei-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês.

– E ele acreditou? E o físico? perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.

– Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a minha pele basané podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio... Tu sabes bem que, entre nós, há de tudo: índios, malaios, taitianos, malgaches, guanches, até godos. É uma comparsaria de raças e tipos de fazer inveja ao mundo inteiro.

– Bem, fez o meu amigo, continua.

– O velho, emendi eu, ouviu-me atentamente, considerou demoradamente o meu físico, pareceu que me julgava de fato filho de malaio e perguntou-me com doçura:

– Então está disposto a ensinar-me javanês?

– A resposta saiu-me sem querer: – Pois não.

– O senhor há de ficar admirado, aduziu o Barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

– Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos... ?

– O que eu quero, meu caro senhor...

– Castelo, adiantei eu.

– O que eu quero, meu caro Senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do Conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: “Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado que me deitou o sábio oriental se cumpra, faz com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz.” Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. Às portas da morte, ele mo deu e disse-me o que prometera ao pai. Em começo, pouco caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida. Cheguei até a esquecer-me dele; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talismã da família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro, que preciso entender o javanês. Eis aí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

Veio o livro. Era um velho calhamaço, um in-quarto antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras, em um papel amarelado e grosso. Faltava a folha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio, escritas em inglês, onde li que se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito.

Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasção, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o Senhor Barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia.

A filha e o genro (penso que até aí nada sabiam da história do livro) vieram a ter notícias do estudo do velho; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distraí-lo.

Mas com o que tu vais ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanês. Que coisa Única! Ele não se cansava de repetir: “É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! onde estava!”

O marido de Dona Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanês. Por outro lado, o barão estava contentíssimo. Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse-me ele; nada se opunha que outrem o traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!...

Ficava extático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos!

Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado. Passava, enfim, uma vida regalada.

Contribui muito para isso o fato de vir ele a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a cousa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo também.

Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao Visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo. – “Qual! retrucava ele. Vá, menino; você sabe javanês!” Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso.

O diretor chamou os chefes de seção: “Vejam só, um homem que sabe javanês – que portento!”

Os chefes de seção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um destes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração. E todos diziam: “Então sabe javanês? É difícil? Não há quem o saiba aqui!”

O tal amanuense, que me olhou com ódio, acudiu então: “É verdade, mas eu sei canaque. O senhor sabe?” Disse-lhe que não e fui à presença do ministro.

A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, concertou o pince-nez no nariz e perguntou: “Então, sabe javanês?” Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do tal pai javanês. “Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para o ano, parta para Bale, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller, e outros!”

Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.

Pus-me com afã no estudo das línguas maleo-polinésicas; mas não havia meio!

Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: *Revue Anthropologique et Linguistique*, *Proceedings of the English-Oceanic Association*, *Archivo Glottologico Italiano*, o diabo, mas nada! E a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: “Lá vai o sujeito que sabe javanês.” Nas livrarias, os gramáticos consultavam-me sobre a colocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês. A convite da redação, escrevi, no *Jornal do Comércio* um artigo de quatro colunas sobre a literatura javanesa antiga e moderna...

– Como, se tu nada sabias? interrompeu-me o atento Castro.

– Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas de geografias, e depois citei a mais não poder.

– E nunca duvidaram? perguntou-me ainda o meu amigo.

– Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um marujo, um tipo bronzado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o entendia. Fui também chamado, com todos os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas. E o tal marujo era javanês – uf!

Chegou, enfim, a época do congresso, e lá fui para a Europa. Que delícia! Assisti à inauguração e às sessões preparatórias. Inscreveram-me na seção do tupi-guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no *Mensageiro de Bale* o meu retrato, notas biográficas e bibliográficas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquela seção; não conhecia os meus trabalhos e julgara que, por ser eu americano brasileiro, me estava naturalmente indicada a seção do tupi-guarani. Aceitei as explicações e até hoje ainda não pude escrever as minhas obras sobre o javanês, para lhe mandar, conforme prometi.

Acabado o congresso, fiz publicar extratos do artigo do *Mensageiro de Bale*, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo Senador Gorot. Custou-me toda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos, quase toda a herança do crédulo e bom Barão de Jacuecanga.

Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma ovação de todas as classes sociais e o presidente da república, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia.

- É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.
- Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser ?
- Que?
- Bacteriologista eminente. Vamos?
- Vamos.

 **Vá até o ambiente do acervo para saber sobre pronomes relativos.**

Os **pronomes relativos** são os pronomes que mantêm uma relação com o termo ao qual se referem e retomam esse termo, chamado de **antecedente**. Os pronomes relativos são: **o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos, quantas, que, quem, onde e como**.

Vejamos os exemplos retirados do texto “O homem que sabia javanês”:

“Dentro de seis meses fui despachado cônsul em **Havana**, **onde** estive seis anos [...]”

O pronome relativo **onde** faz referência a **Havana** e, por isso, tem função de adjunto adverbial de lugar.

O pronome relativo também pode, dependendo do verbo, vir acompanhado de uma preposição:

“O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, **a quem** ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas.”

Contudo, o pronome relativo deve ser sempre analisado dentro da oração de que faz parte. Por exemplo:

“É uma **língua / que** se fala lá pelas bandas do Timor.”

O pronome relativo **que**, no exemplo acima, estabelece, dentro da oração que inicia, uma relação de complemento direto com o verbo, independentemente da função sintática de seu antecedente.

Por vezes, o pronome relativo pode ser empregado sem um antecedente. É o que chamamos de **pronome relativo indefinido**. Neste caso, a oração adjetiva, introduzida pelo pronome relativo, é dita **justaposta**. Por exemplo:

“Não há **quem** o saiba aqui!”

Além disso, ainda pode ocorrer de o pronome relativo não exercer função sintática nenhuma dentro da oração a que pertence. Por exemplo:

“Às portas da morte, ele mo deu e disse-me o **que** prometera ao pai.”

No exemplo acima, o pronome relativo **que** está modificando o pronome demonstrativo **o**. Sendo assim, a oração adjetiva exerce a função de adjunto adnominal do pronome demonstrativo e o pronome relativo **que** é o objeto direto do verbo da oração subordinada objetiva direta **prometera ao pai**.

Uma dica: o pronome relativo **onde** só deve ser utilizado para indicar lugares.

 **Tarefa individual:** Faça uma pesquisa na internet, produza um texto que descreva a história da linguagem humana em sua evolução e o entregue ao professor por “e-mail”.

 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. coloque seu texto no fórum do **ambiente da interação**;
2. escolha, junto com seus colegas, um representante para o grupo;
3. o representante do grupo deve juntar os textos elaborados nesta seção e construir um único texto para o grupo;
4. os outros integrantes do grupo devem fazer contribuições de forma e conteúdo ao trabalho do grupo por meio do fórum – em caso de alguém discordar de algum colega, o grupo deve discutir a polêmica em conjunto;
5. o representante deve entregar o trabalho do grupo ao professor por “e-mail”.

2.2 Linguagem verbal e não-verbal

Dentre os tipos de linguagem, temos a **verbal**, ou seja, a que utiliza as palavras de uma determinada língua. Utilizamos a linguagem verbal – ou humana – quando falamos ou escrevemos. Além disso, podemos fazer uso também da linguagem **não-verbal**, ou seja, utilizar outros recursos, que não as palavras, com o intuito de nos comunicarmos. Sendo assim, são exemplos de linguagem não-verbal:



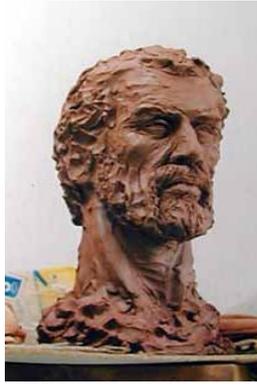
pintura



fotografia



caricatura



escultura



mímica



dança

 **Texto:** ALMEIDA, Manoel Antônio de. Declaração. In: *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Ática, 1998. (Série Bom Livro). No texto *Declaração*, um dos capítulos de *Memórias de um sargento de milícias*, Leonardo resolve-se declarar a Luisinha.

Em “Declaração”, capítulo de “Memórias de um sargento de milícias”, de Manoel Antônio de Almeida, percebemos que Luisinha se comunica com Leonardo sem pronunciar nenhuma palavra. Ela se utilizou, portanto, da linguagem não-verbal.

Declaração (Memórias de um sargento de milícias)

Enquanto a comadre dispunha seu plano de ataque contra José Manuel, Leonardo ardia em ciúmes, em raiva, e nada havia que o consolasse em seu desespero, nem mesmo as promessas de bom resultado que lhe faziam o padrinho e a madrinha. O pobre rapaz via sempre diante de si a detestável figura de seu rival a desconcertar-lhe todos os planos, a desvanecer-lhe todas as esperanças. Nas horas de sossego entregava-se às vezes à construção imaginária de magníficos castelos, castelos de nuvens, é verdade, porém que lhe pareciam por instantes os mais sólidos do mundo; de repente surdia-lhe de um canto o terrível José Manuel com as bochechas inchadas; e soprando sobre a construção, a arrasava num volver d’olhos.

Entretanto o que havia de notável é que Luisinha, causa de tantas tormentas, ignorava tudo, e a tudo continuava indiferente. Leonardo veio a entender, depois de muito meditar, que isso constituía um dos principais defeitos de sua posição; se a comadre e o compadre conseguissem derrotar a José Manuel, e pô-lo em estado de não poder mais entrar em combate, quem poderia dizer que o triunfo era completo? Não havia ainda uma segunda campanha a dar contra a indiferença de Luisinha? Daqui concluiu ele que era mister ir já rompendo fogo por esse lado; e como lhe pareceu o de mais importância, não quis confiar a nenhum dos aliados o seu ataque, e decidiu-se a dá-lo em pessoa. Devia começar, como o sabe de cor e salteado a maioria dos leitores, que é sem dúvida nenhuma muito entendida na matéria, por uma declaração em forma.

Mas em amor, assim como em tudo, a primeira saída é o mais difícil. Todas as vezes que essa idéia vinha à cabeça do pobre rapaz, passava-lhe uma nuvem escura por diante dos olhos e banhava-se-lhe o corpo em suor. Muitas semanas levou a compor, a estudar o que havia de dizer a Luisinha quando aparecesse o momento decisivo. Achava com facilidade milhares de idéias brilhantes; porém mal tinha assentado em que diria isto ou aquilo, e já isto e aquilo lhe não parecia bom. Por várias vezes tivera ocasião favorável para desempenhar a sua tarefa, pois estivera a sós com Luisinha; porém nessas ocasiões nada havia que pudesse vencer um tremor de pernas

que se apoderava dele, e que não lhe permitia levantar-se do lugar onde estava, e um engasgo que lhe sobrevinha, e que o impedia de articular uma só palavra. Enfim, depois de muitas lutas consigo mesmo para vencer o acanhamento, tomou um dia a resolução de acabar com o medo, e dizer-lhe a primeira coisa que lhe viesse à boca.

Luisinha estava no vão de uma janela a espiar para a rua pela rótula; Leonardo aproximou-se tremendo, pé ante pé, parou e ficou imóvel como uma estátua atrás dela que, entretida para fora, de nada tinha dado fé. Esteve assim por longo tempo calculando se devia falar em pé ou se devia ajoelhar-se. Depois fez um movimento como se quisesse tocar no ombro de Luisinha, mas retirou depressa a mão. Pareceu-lhe que por aí não ia bem; quis antes puxar-lhe pelo vestido, e ia já levantando a mão quando também se arrependeu. Durante todos esses movimentos o pobre rapaz suava a não poder mais. Enfim, um incidente veio tirá-lo da dificuldade. Ouvindo passos no corredor, entendeu que alguém se aproximava, e tomado de terror por se ver apanhado naquela posição, deu repentinamente dois passos para trás, e soltou um – ah! – muito engasgado. Luisinha, voltando-se, deu com ele diante de si, e recuando espremeu-se de costas contra a rótula; veio-lhe também outro – ah! – porém não lhe passou da garganta, e conseguiu apenas fazer uma careta.

A bulha dos passos cessou sem que ninguém chegasse à sala; os dois levaram algum tempo naquela mesma posição, até que o Leonardo, por um supremo esforço, rompeu o silêncio e com voz trêmula e em tom o mais sem graça que possa imaginar perguntou desenxabidamente:

– A senhora... sabe... uma coisa?

E riu-se com uma risada forçada, pálida e tola.

Luisinha não respondeu. Ele repetiu no mesmo tom:

– Então... a senhora... sabe ou... não sabe?

E tornou a rir-se do mesmo modo. Luisinha conservou-se muda.

– A senhora bem sabe... é porque não quer dizer...

Nada de resposta.

– Se a senhora não ficasse zangada... eu dizia...

Silêncio.

– Está bom... eu digo sempre... mas a senhora fica ou não fica zangada?

Luisinha fez um gesto de quem estava impacientada.

– Pois então eu digo... a senhora não sabe... eu... eu lhe quero... muito bem.

Luisinha fez-se cor de uma cereja; e fazendo meia volta à direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguém se aproximava.

Leonardo viu-a ir-se, um pouco estupefato pela resposta que ela lhe dera, porém não de todo descontente: seu olhar de amante percebera que o que se acabava de passar não tinha sido totalmente desagradável a Luisinha. Quando ela desapareceu, soltou o rapaz um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão fatigado como se tivesse acabado de lutar braço a braço com um gigante.

 **Vá até o ambiente do acervo para saber sobre orações subordinadas adjetivas.**

A **oração subordinada adjetiva** exerce a função de adjunto adnominal do substantivo ao qual ela se refere. Por exemplo:

“[...] e um engasgo **que lhe sobrevinha** [...]”

A oração **que lhe sobrevinha** funciona como adjunto adnominal de **um engasgo**.

As orações subordinadas adjetivas podem ser de dois tipos: **restritivas** ou **explicativas**.

As orações restritivas, como o próprio nome indica, restringem-se somente ao substantivo a que se referem. Por exemplo:

“[...] porém nessas ocasiões nada havia que pudesse vencer um tremor de pernas **que se apoderava dele**[...]”

A oração subordinada adjetiva restringe a expressão **tremor de pernas** ao **tremor que se apoderava dele**, excluindo qualquer outro “tremor de pernas”.

As orações explicativas, por sua vez, explicam, adicionam uma informação ao termo ao qual se referem. Por exemplo:

Ele cobiçava do carro do médico, **que saía todas as noites para seus plantões**.

A oração subordinada explicativa adiciona uma informação a respeito do médico, que não é qualquer médico, mas o médico “que saía todas as noites para seus plantões”.

 **Tarefa individual:** Antes de realizar a tarefa individual, discuta com seus colegas de grupo e seu professor, em um “chat”, a partir da leitura do texto “Declaração”, sobre como Luisinha se comunicou com Leonardo sem proferir nenhuma palavra, os recursos que utilizou e a interpretação de Leonardo. Você acha que ele interpretou corretamente a reação de Luisinha ou há uma outra possível interpretação? Após a discussão, produza um texto sobre como podemos estabelecer interação com o outro utilizando outros tipos de linguagem e cite exemplos. Entregue seu texto ao professor por “e-mail”.

 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. coloque seu texto no fórum do **ambiente da interação**;
2. escolha junto com seus colegas, por meio de votação no fórum, o melhor trabalho entre os individuais, que será o trabalho do grupo – lembre-se de que você não pode votar em seu próprio trabalho;
3. o autor do melhor trabalho deve entregá-lo ao professor por “e-mail”.

2.3 Uso da linguagem

No senso comum, falar ou escrever corretamente é fazer uso correto das regras gramaticais da língua. Contudo, há uma certa polêmica que cerca o uso da linguagem. Essa polêmica nos leva a atribuir-lhe vários usos, entendidos como **adequados** ou **inadequados**, em oposição a corretos ou incorretos. Portanto, saber falar ou escrever é conseguir obter o efeito que se pretende no outro, no interlocutor, em uma determinada situação. Para que esse efeito se produza, o uso que se deve fazer da língua é o adequado. Falar ou escrever de forma adequada envolve as características de:

 <p>nosso interlocutor</p>	<p>Não podemos nos expressar da mesma forma com todos os tipos de pessoas. Por exemplo, se estamos conversando com uma pessoa idosa, devemos evitar o uso de gírias atuais, sob o risco de não sermos compreendidos. Devemos ter um outro tipo de cuidado, mas não menos importante, quando estamos nos comunicando com pessoas com um nível de instrução mais baixo que o nosso, por exemplo. Neste caso, o cuidado deve ser com palavras e construções rebuscadas.</p>
 <p>nosso contexto</p>	<p>Não podemos nos expressar da mesma forma em todos os contextos em que estamos inseridos. Em uma festa, por exemplo, não precisamos falar com toda a formalidade que usamos em uma entrevista de emprego.</p>

 **Texto:** ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

No fragmento de “Memórias póstumas de Brás Cubas”, Brás Cubas, o narrador-personagem, fala de Marcela, uma de suas paixões. Podemos perceber, logo nas primeiras linhas, o tipo de linguagem utilizada por Machado de Assis – uma linguagem rebuscada e com um vocabulário condizente com a época.

A seguir, começamos um processo de reescritura do texto para exemplificar a tarefa individual.

Memórias póstumas de Brás Cubas

Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado; e facilmente se imagina que mais de uma dama inclinou diante de mim a fronte pensativa, ou levantou pra mim os olhos cobiçosos. De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo. Mas vá lá; ou se há de dizer tudo ou nada. A que me cativou foi uma dama espanhola, Marcela, a “linda Marcela”, como lhe chamavam os rapazes do tempo. E tinham razão os rapazes. Era filha de um hortelão das Astúrias; disse-mo ela mesma; num dia de sinceridade, porque a opinião aceita é que nascera de um letrado de Madrid, vítima da invasão francesa, ferido, encarcerado, espingardeado, quando ela tinha apenas doze anos. *Cosas de Espana*. Quem quer que fosse, porém, o pai, letrado ou hortelão, a verdade é que Marcela não possuía a inocência rústica e mal chegava a entender a moral do código. Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. Naquele ano, morria de amores por um certo Xavier, sujeito abastado e tísico, – uma pérola.

Reescritura

Eu era sim esse rapaz bonito, elegante, rico; e é claro que várias mulheres me observaram ou me olharam com olhos de desejo...

 **Tarefa individual:** Leia com atenção o fragmento de “Memórias póstumas de Brás Cubas. Continue fazendo a reescritura do texto ou comece novamente, se preferir, utilizando a linguagem cotidiana de nosso contexto, de nossa época. Atenção! A reescritura prevê mudança na forma, não no conteúdo. Por isso, se achar necessário, recorra a um dicionário. Entregue seu texto ao professor por “e-mail”.

 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. coloque seu texto no fórum do **ambiente da interação**;
2. escolha o trabalho de um de seus colegas para comentar no fórum;
3. após ler os comentários dos colegas a seu trabalho, altere seu texto ou mantenha-o da mesma forma;
4. escolha, junto com seus colegas, por meio de votação no fórum, o melhor trabalho entre os individuais, que será o trabalho do grupo – lembre-se de que você não pode votar em seu próprio trabalho;
5. o autor do melhor trabalho deve entregá-lo ao professor por “e-mail”.

 **Cena do filme:** *Snatch*: porcos e diamantes. Frankie Quatro-Dedos, um ladrão de diamantes e intermediário de peças roubadas, aposta em uma luta ilegal de boxe. Enquanto isso, dois promotores de lutas e um fazendeiro convencem Mickey O'Neil, um pugilista cigano, a entrar em uma luta de boxe clandestino. Cena em que um dos promotores de lutas vai comprar um *trailer* do cigano Mickey O'Neil (0:17 a 0:19).

Na cena de “Snatch: porcos e diamantes”, o promotor de lutas já sabe que terá problemas de comunicação com os ciganos. O problema se dá devido ao registro utilizado pelo promotor – a gíria “matar uma bebida”, desconhecida pelos ciganos. Depois disso, é a pronúncia que causa confusão – os ciganos pronunciam a palavra “cachorro” de forma diferente e o promotor tem dificuldades para entender o que dizem.

2.4 Gramaticalidade “versus” agramaticalidade

A noção de **gramaticalidade** não está relacionada, como muitos imaginam, à forma correta de se escrever. A gramaticalidade é definida, prioritariamente, pelo nível sintagmático do enunciado, ou seja, pela ordem com se as palavras se organizam. Por exemplo, tomemos um verso do “Soneto”, de Camões:



Embora a frase não esteja na ordem direta, os itens lexicais estão perfeitamente organizados. Sendo assim, é uma frase gramatical. Contudo pensemos na seguinte transformação:



Neste segundo enunciado, percebemos que, embora os itens lexicais sejam os mesmos, a ordem em que eles aparecem mudou, eliminando a possibilidade de construirmos qualquer sentido frase. Por isso, é uma frase agramatical.

Pensemos ainda em um outro exemplo:



Embora este enunciado não faça sentido algum, conseguimos compreendê-lo perfeitamente e, se conseguimos compreendê-lo, é porque o enunciado possui gramaticalidade. Sendo assim, percebemos que a semântica nada tem a ver com a gramaticalidade de um enunciado.

 **Texto:** ASSIS, Machado de. *O dicionário*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000220.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2006.

No conto “O dicionário”, de Machado de Assis, Bernardão ordena que se crie um novo vocabulário. Além da questão da gramaticalidade “versus” agramaticalidade, sabemos que a língua é um código que deve ser compartilhado por todos os integrantes de uma mesma comunidade lingüística. Portanto, um novo vocabulário, “de uma hora para outra”, iria impedir que as pessoas se comunicassem.

O dicionário

Era uma vez um tanoeiro, demagogo, chamado Bernardino, o qual em cosmografia professava a opinião de que este mundo é um imenso tonel de

marmelada, e em política pedia o trono para a multidão. Com o fim de a pôr ali, pegou de um pau, concitou os ânimos e deitou abaixo o rei; mas, entrando no paço, vencedor e aclamado, viu que o trono só dava para uma pessoa, e cortou a dificuldade sentando-se em cima.

– Em mim, bradou ele, podeis ver a multidão coroada. Eu sou vós, vós sois eu.

O primeiro ato do novo rei foi abolir a tanoaria, indenizando os tanoeiros, prestes a derrubá-lo, com o título de Magníficos. O segundo foi declarar que, para maior lustre da pessoa e do cargo, passava a chamar-se, em vez de Bernardino, Bernardão. Particularmente encomendou uma genealogia a um grande doutor dessas matérias, que em pouco mais de uma hora o entroncou a um tal ou qual general romano do século IV, Bernardus Tanoarius; – nome que deu lugar à controvérsia, que ainda dura, querendo uns que o rei Bernardão tivesse sido tanoeiro, e outros que isto não passe de uma confusão deplorável com o nome do fundador da família. Já vimos que esta segunda opinião é a única verdadeira.

Como era calvo desde verdes anos, decretou Bernardão que todos os seus súbditos fossem igualmente calvos, ou por natureza ou por navalha, e fundou esse ato em uma razão de ordem política, a saber, que a unidade moral do Estado pedia a conformidade exterior das cabeças. Outro ato em que revelou igual sabedoria, foi o que ordenou que todos os sapatos do pé esquerdo tivessem um pequeno talho no lugar correspondente ao dedo mínimo, dando assim aos seus súbditos o ensejo de se parecerem com ele, que padecia de um calo. O uso dos óculos em todo o reino não se explica de outro modo, senão por uma oftalmia que afligiu a Bernardão, logo no segundo ano do reinado. A doença levou-lhe um olho, e foi aqui que se revelou a vocação poética de Bernardão, porque, tendo-lhe dito um dos seus dois ministros, chamado Alfa, que a perda de um olho o fazia igual a Aníbal, – comparação que o lisonjeou muito, – o segundo ministro, Omega, deu um passo adiante, e achou-o superior a Homero, que perdera ambos os olhos. Esta cortesia foi uma revelação; e como isto prende com o casamento, vamos ao casamento.

Tratava-se, em verdade, de assegurar a dinastia dos Tanoarius. Não faltavam noivas ao novo rei, mas nenhuma lhe agradou tanto como a moça Estrelada, bela, rica e ilustre. Esta senhora, que cultivava a música e a poesia, era requestada por alguns cavalheiros, e mostrava-se fiel à dinastia decaída. Bernardão ofereceu-lhe as coisas mais suntuosas e raras, e, por outro lado, a família bradava-lhe que uma coroa na cabeça valia mais que uma saudade no coração; que não fizesse a desgraça dos seus, quando o ilustre Bernardão lhe acenasse com o principado; que os tronos não andavam a rodo, e mais isto, e mais aquilo. Estrelada, porém resistia à sedução.

Não resistiu muito tempo, mas também não cedeu tudo. Como entre os seus candidatos preferia secretamente um poeta, declarou que estava pronta a casar, mas seria com quem lhe fizesse o melhor madrigal, em concurso. Bernardão aceitou a cláusula, louco de amor e confiado em si: tinha mais um olho que Homero, e fizera a unidade dos pés e das cabeças.

Concorreram ao certame, que foi anônimo e secreto, vinte pessoas. Um dos madrigais foi julgado superior aos outros todos; era justamente o do poeta amado. Bernardão anulou por um decreto o concurso, e mandou abrir outro; mas então, por uma inspiração de insigne maquiavelismo, ordenou que não se empregassem palavras que tivessem menos de trezentos anos de idade. Nenhum dos concorrentes estudara os clássicos: era o meio provável de os vencer.

Não venceu ainda assim porque o poeta amado leu à pressa o que pôde, e o seu madrigal foi outra vez o melhor. Bernardão anulou esse segundo concurso; e, vendo que no madrigal vencedor as locuções antigas davam singular graça aos versos, decretou que só se empregassem as modernas e particularmente as da moda. Terceiro concurso, e terceira vitória do poeta amado.

Bernardão, furioso, abriu-se com os dois ministros, pedindo-lhes um remédio pronto e enérgico, porque, se não ganhasse a mão de Estrelada, mandaria cortar trezentas mil cabeças. Os dois, tendo consultado algum tempo, voltaram com este alvitre:

– Nós, Alfa e Omega, estamos designados pelos nossos nomes para as coisas que respeitam à linguagem. A nossa idéia é que Vossa Sublimidade mande recolher todos os dicionários e nos encarregue de compor um vocabulário novo que lhe dará a vitória.

Bernardão assim fez, e os dois meteram-se em casa durante três meses, findos os quais depositaram nas augustas mãos a obra acabada, um livro a que chamaram Dicionário de Babel, porque era realmente a confusão das letras. Nenhuma locução se parecia com a do idioma falado, as consoantes trepavam nas consoantes, as vogais diluíam-se nas vogais, palavras de duas sílabas tinham agora sete e oito, e vice-versa, tudo trocado, misturado, nenhuma energia, nenhuma graça, uma língua de cacos e trapos.

– Obrigue Vossa Sublimidade esta língua por um decreto, e está tudo feito.

Bernardão concedeu um abraço e uma pensão a ambos, decretou o vocabulário, e declarou que ia fazer-se o concurso definitivo para obter a mão da bela Estrelada. A confusão passou do dicionário aos espíritos; toda a gente andava atônita. Os farsolas cumprimentavam-se na rua pela novas locuções: diziam, por exemplo, em vez de: Bom dia, como assou? – *Pflerrgpxx, routh, aa?* A própria dama, temendo que o poeta amado perdesse afinal a campanha, propôs-lhe que fugissem; ele, porém, respondeu que ia ver primeiro se podia fazer alguma coisa. Deram noventa dias para o novo concurso e recolheram-se vinte madrigais. O melhor deles, apesar da língua bárbara, foi o do poeta amado. Bernardão, alucinado, mandou cortar as mãos aos dois ministros e foi a única vingança. Estrelada era tão admiravelmente bela, que ele não se atreveu a magoá-la, e cedeu.

Desgostoso, encerrou-se oito dias na biblioteca, lendo, passeando ou meditando. Parece que a última coisa que leu foi uma sátira do poeta Garção, e especialmente estes versos, que pareciam feitos de encomenda:

O raro Apeles,
Rubens e Rafael, inimitáveis
Não se fizeram pela cor das tintas;
A mistura elegante os fez eternos.

 **Tarefa individual:** Agora você vai jogar com as palavras.

ostra	navio
tubarão	praia
areia	pedra
peixe	pesca
concha	espuma
barco	coral
sal	baleia
lixo	onda
oxigênio	água-viva
sereia	marisco
caranguejo	estrela do mar
pérola	golfinho
pescador	camarão
mar	sol
algas	rede

Perceba que há várias palavras misturadas. Forme o maior número de frases gramaticais e semanticamente perfeitas possível – você pode usar figuras de linguagem –, e, por fim, construa um texto, de qualquer tipo, com essas frases. Além das palavras misturadas – que você pode variar em gênero e número –, você pode incluir artigos, conectivos, preposições, conjunções, pronomes, verbos, adjetivos... Você só não pode usar substantivos novos... Entregue seu texto ao professor por “e-mail”.

 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. coloque seu texto no fórum do **ambiente da interação**;
2. escolha, junto com seus colegas, por meio de votação no fórum, o melhor trabalho entre os individuais, que será o trabalho do grupo – lembre-se de que você não pode votar em seu próprio trabalho;
3. o autor do melhor trabalho deve entregá-lo ao professor por “e-mail”.

Unidade 3: texto

“Aprender a escrever é, em grande parte, se não principalmente, aprender a encontrar idéias e a concatená-las, pois, assim como não é possível dar o que não se tem, não se pode transmitir o que a mente não criou ou não provisionou.”

GARCIA, Othon M. Garcia. *Comunicação em prosa moderna*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1975.

Nesta unidade, trataremos, exclusivamente, do texto. Além de defini-lo, vamos abordar o processo de produção e de co-produção do texto, e discutir as questões relacionadas às semelhanças e diferenças entre a modalidade falada e a modalidade escrita.



3.1 Definição

Texto é qualquer unidade significativa, ou seja, qualquer combinação de elementos significativos – signos – que tenha a intenção de comunicar algo, cujo significado depende da relação que o leitor estabelece na decodificação, na interpretação. Dessa forma, as palavras, por si só, não são textos. As palavras, isoladamente ou combinadas, só se transformam em textos quando adquirem textualidade, que é a relação que o texto mantém com ele mesmo e com o externo, com o contexto. Imagens, charges e fotografias, por exemplo, também são textos.



👉 **Texto:** VINCI, Leonardo da. A adoração dos magos. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/imagem/uf000003.jpg>. Acesso em 15 já. 2006.



Ao olhar para uma obra-de-arte, como a de Leonardo da Vinci, por exemplo, podemos depreender várias interpretações.

👉 **Tarefa individual:** Antes de realizar a tarefa individual, discuta em um “chat”, com seus colegas e seu professor, a partir da análise da obra “A adoração dos magos”, de Leonardo da Vinci, como você construiria um ou vários sentidos para ela. Posicione-se a respeito de sua interação com a obra e deixe que seus colegas se posicionem também. Reflita sobre o posicionamento de seus colegas. Após a discussão, produza um texto sobre como o grupo, de um modo geral, construiria sentido para a obra e o entregue ao professor por “e-mail”.

👉 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. coloque seu texto no fórum do **ambiente da interação**;
2. escolha, junto com seus colegas, um novo representante para o grupo;
3. o representante deve reunir, em um único texto, os sentidos construídos por todos os outros integrantes do grupo;
4. todos os outros integrantes, no fórum, devem analisar e fazer contribuições ao trabalho editado pelo representante;
5. o representante deve entregar o trabalho do grupo ao professor por “e-mail”.

3.2 Produção e co-produção de textos – vozes do texto

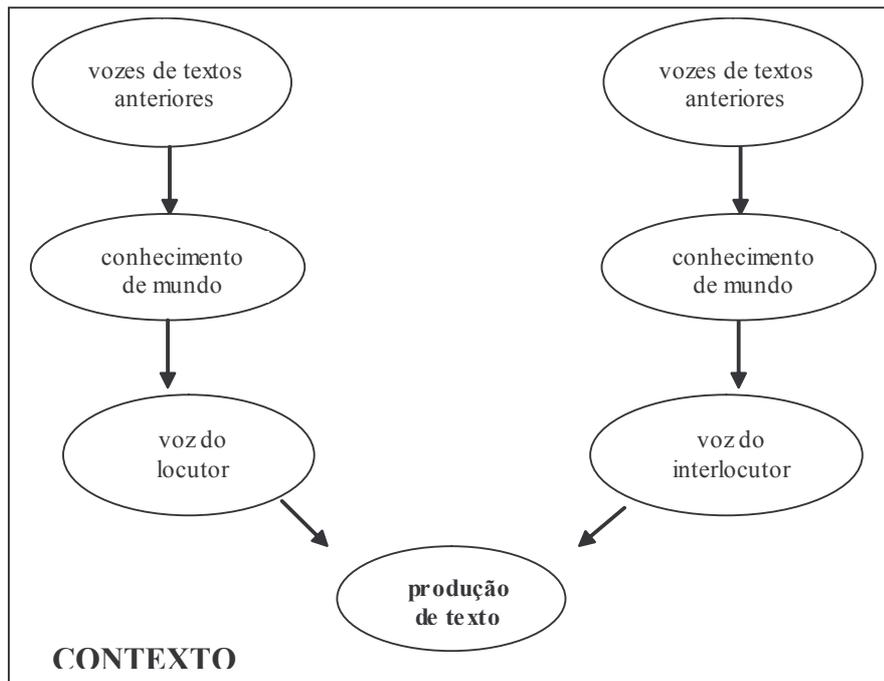
Definimos texto como uma unidade comunicativa que possui sentido. Contudo, o texto não é um produto apenas. O texto é o próprio processo de produção em si, uma vez que a produção de um texto envolve o autor, o interlocutor e outros participantes da cena comunicativa, como os intertextos. Ela é constante; não pára nunca, a não ser que esse texto fique guardado em uma gaveta pra sempre, por exemplo.



Construir um texto é construir sentido. Portanto, a produção de um texto se faz e refaz a cada momento em que esse texto é “lido” por alguém. Como a produção textual é uma atividade social, locutor, texto, interlocutor, contexto e intertextos interagem construindo sentido para o texto.

Contudo, a construção do sentido de um texto não pára por aí. Além do contexto e das vozes do autor ou locutor e do interlocutor, ainda agem, sobre a produção do sentido do texto, os conhecimentos de mundo de ambos, além dos conhecimentos acerca do contexto em que se dá a comunicação, conhecimento este que deve ser compartilhado entre os participantes da interação. Isso acontece porque nenhum texto é capaz de “dizer” tudo, de informar explicitamente tudo. O interlocutor é obrigado a inferir determinados conteúdos quando está diante de um texto. Essas inferências são o que chamamos de “ler nas entrelinhas”.

O conhecimento de mundo, por sua vez, é determinado pela vivência de cada indivíduo e, tal vivência, é influenciada pelo que cada um leu ou escutou durante a vida. Portanto, a construção do sentido de um texto também está permeada por outras vozes, que não a do autor e a do interlocutor.



Texto: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

O fragmento de “Triste fim de Policarpo Quaresma”, situado logo no início da obra, visa descrever o protagonista. Percebemos que Alice, a empregada, deve ter algum conhecimento a respeito do contexto para construir sentido para a fala da patroa.

Texto: AZEVEDO, Artur. *A conselho do marido*. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/templates/ArturAzevedo/AConselhodoMarido.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2006.

No texto de Artur Azevedo, encontramos algumas passagens, como as que citam a mulher de Putifar e José do Egito, que necessitam de um conhecimento de mundo específico para fazerem sentido tanto para o leitor quanto para os personagens.

Triste fim de Policarpo Quaresma

Como de hábito, Policarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, bateu em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, bongava pelas confeitarias algumas frutas, comprava um queijo, às vezes, e sempre o pão da padaria francesa.

Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que, às três e quarenta, por aí assim, tomava o bonde, sem erro de um minuto, ia pisar a soleira da porta de sua casa, numa rua afastada de São Januário, bem exatamente às quatro e quinze, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matematicamente determinado, previsto e predito.

A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era costume jantar-se aí pelas quatro e meia, logo que o viam passar, a dona gritava à criada: “Alice, olha que são horas; o Major Quaresma já passou”.

E era assim todos os dias, há quase trinta anos. Vivendo em casa própria e tendo outros rendimentos além do seu ordenado, o Major Quaresma

podia levar um trem de vida superior aos seus recursos burocráticos, gozando, por parte da vizinhança, da consideração e respeito de homem abastado.

Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo. Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera, fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: “Se não era formado, para quê? Pedantismo!”

A conselho do marido

Estamos a bordo de um grande paquete da *Messagéries Maritimes*, em pleno Atlântico, entre os dois hemisférios. Dois passageiros, que embarcaram no Rio de Janeiro, um de quarenta e outro de vinte e cinco anos, conversam animadamente, sentados ambos nas suas cadeiras de bordo.

– Pois é como lhe digo, meu amiguinho! – dizia o passageiro de quarenta anos – o homem, todas as vezes que é provocado pela mulher, seja a mulher quem for, deve mostrar que é homem! Do contrário, arrisca-se a uma vingança! O caso da mulher de Putifar reproduz-se todos os dias!

– E se o marido for nosso amigo?

– Se o marido for nosso amigo, maior perigo corremos fazendo como José do Egito.

– O que você está dizendo é simplesmente horrível!

– Talvez, mas o que é preferível: ser amante da mulher de um amigo sem que este o saiba, ou passar aos olhos dele por amante dela sem o ser, em risco de pagar com a vida um crime que não praticou?

– Acha então que temos o direito sobre a mulher do próximo...?

– Desde que a mulher do próximo nos provoque. Se o próximo é nosso amigo, paciência! Não se casasse com uma mulher assim! Olhe, eu estou perfeitamente tranqüilo a respeito da Mariquinhas! Trouxe-a comigo nesta viagem porque ela quis vir; se quisesse ficar no Rio de Janeiro teria ficado e eu estaria da mesma forma tranqüilo.

– Mas o grande caso é que se um dia algum dos seus amigos...

– Desse susto não bebo água. Já um deles pretendeu conquistá-la... chegou a persegui-la... Ela foi obrigada a dizer-mo para se ver livre dele... Dei um escândalo! Meti-lhe a bengala em plena Rua do Ouvidor!

Dizendo isto, o passageiro de quarenta anos fechou os olhos, e pouco depois deixava cair o livro que tinha na mão: dormia. Dormia, e aqueles sonos de bordo, antes do jantar, duravam pelo menos duas horas.

O passageiro de vinte e cinco anos ergueu-se e desceu ao compartimento do paquete onde ficava o seu camarote.

Bateu levemente à porta. Abriu-lhe uma linda mulher que se lançou nos seus braços. Era a Mariquinhas.

– Então? – perguntou ela – consultaste meu marido?

– Consultei...

– Que te disse ele?

– Aconselhou-me a que não fizesse como José do Egito. Amigos, amigos, mulheres à parte.

E o passageiro de vinte e cinco anos correu cautelosamente o ferrolho do camarote.

 **Tarefa individual:** Percebemos que, para a construção do sentido do texto se dar, o interlocutor deve possuir um certo conhecimento acerca do contexto comunicativo, acerca das coisas do mundo que estão interferindo na situação. Antes de realizar a tarefa individual, discuta com seus colegas e seu professor, em um “chat”...

- os conhecimentos que Alice deve possuir para entender a fala da patroa no fragmento de “Triste fim de Policarpo Quaresma”;

- o conhecimento de mundo que os personagens de “A conselho do marido” devem possuir para poderem manter uma conversação coerente para eles;
- o conhecimento de mundo que o leitor deve possuir para construir um sentido para o texto “A conselho do marido”.

Após a discussão, produza um texto sobre as inferências discutidas e o entregue ao professor por “e-mail”.

 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. coloque seu texto no fórum do **ambiente da interação**;
2. escolha, junto com seus colegas, um novo representante para o grupo;
3. o representante deve reunir, em um único texto, as inferências unânimes dentro do grupo;
4. todos os outros integrantes devem, no fórum, analisar e fazer contribuições ao trabalho editado pelo representante;
5. o representante deve entregar o trabalho do grupo ao professor por “e-mail”.

Cena do filme: “Procurando Nemo”. Nemo é um peixe-palhaço filhote que é levado do coral em que vive por um mergulhador. A partir daí, Nemo passa a viver em um aquário, enquanto seu pai o procura com a ajuda da amiga Dory. Cena em que os habitantes do aquário percebem que o aquário está limpo (1:13 a 1:14).

Peach – a estrela do mar – lê o manual do aparelho que limpa o aquário. Contudo, um outro peixe não conhece, a princípio, o significado de “escanear”. Sendo assim, ele não tem o conhecimento de mundo suficiente para construir um significado completo e coerente para o texto.

3.3 Texto oral e texto escrito

Até um tempo atrás, acreditava-se que **fala** e **escrita** eram dois sistemas de comunicação diferentes.

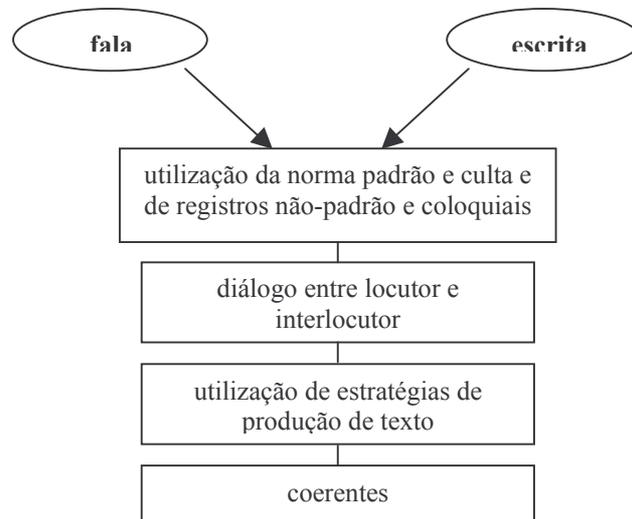


Hoje já entendemos fala e escrita como duas formas de expressão de um mesmo sistema: a língua. Portanto, a fala não é a instauração do caos, como muito se disse no passado. A fala e a escrita são “duas faces da mesma moeda”; interdependentes, portanto. Existem textos escritos que estão bem próximos do que entendemos como fala e vice-

versa. Uma aula, por exemplo, aproxima-se mais das características relacionadas ao texto escrito do que uma carta pessoal.

Há, por exemplo, os textos mistos, que misturam oralidade e escrita, como é o caso do “chat”. “Conversamos” pelo computador por meio da “escrita”.

Sendo assim, encontramos algumas semelhanças entre fala e escrita, que podem ser representadas no diagrama a seguir:



Entretanto, não podemos negar que haja diferenças entre fala e escrita:

fala	escrita
planejada e replanejada a cada momento em que é verbalizada durante a interação	planejada de antemão
correções na fala visíveis ao interlocutor	possibilidade de correção do texto antes de o interlocutor entrar em contato com ele
mais descontínua e interrompida	mais contínua

Dessa forma, ambas as modalidades de textos – a oral e a escrita – têm características comuns e diferenças, funcionando na interação dentro de um mesmo sistema, que é a língua.

- **Texto:** SILVA, José Bernardo da. *O casamento do bode com a raposa*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn000001.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2006. (Literatura de cordel).

O texto de José Bernardo da Silva, por fazer parte de nosso repertório da literatura de cordel, mostra-nos uma grande proximidade entre fala e escrita.

O casamento do bode com a raposa

Eu ouço os velhos dizerem
Que os bichos da antiguidade
Falavam como falamos
E tinham civilidade
Nesse tempo até os bichos
Casavam por amizade.

Nesse tempo o mestre burro
Lia, escrevia e contava
O cavalo era escrivão
O cachorro advogava
O carneiro era copeiro
E o jabuti desenhava.

[...]

 **Tarefa individual:** Antes de realizar a tarefa individual, discuta em um “chat”, com seus colegas e seu professor, as diferenças e as semelhanças das duas modalidades de textos – a fala e a escrita. Procure abordar os mitos que ainda estão por trás da interdependência dessas duas modalidades. Após a discussão, produza um texto sobre como a comunicação mediada por computador – o “chat” e o “e-mail”, por exemplo – mudaram os paradigmas tradicionais de fala e escrita, e o entregue ao professor por “e-mail”.

 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. coloque seu texto no fórum do **ambiente da interação**;
2. escolha, junto com seus colegas, um novo representante para o grupo;
3. o representante deve reunir, em um único texto, as análises feitas por todos os outros integrantes do grupo, identificando opiniões comuns e contrárias;
4. todos os outros integrantes devem, no fórum, analisar e fazer contribuições ao trabalho editado pelo representante;
5. o representante deve entregar o trabalho do grupo ao professor por “e-mail”.

3.4 Clareza e concisão

Quando produzimos um texto, temos de verificar alguns aspectos.



No que tange à **clareza**, é mister que...

- evitemos construções obscuras;
- evitemos expressões obscuras;
- evitemos ambigüidades;
- evitemos expressões truncadas;
- organizemos as informações do texto, “dizendo” antes o que é necessário que o

interlocutor saiba para construir sentido para o que aparece depois;

- usemos o registro adequado a nosso público-alvo;
- utilizemos períodos curtos;
- utilizemos a ordem direta.

Com respeito à **concisão**, precisamos...

- tratar do que realmente é relevante para nosso interlocutor;
- evitar repetições desnecessárias;
- evitar “dar voltas” ao redor do tema;
- “ir direto ao assunto”.



Texto: BRAGA, Isabel. *Aldo quer que plenário da Câmara vote criação de cotas em universidades*. O Globo, versão on-line, 11 fev. 2006.

Na reportagem de Isabel Braga, podemos encontrar um grande número de informações apresentadas de forma clara e, ao mesmo tempo, concisa.

Aldo quer que plenário da Câmara vote criação de cotas em universidades.

BRASÍLIA – O presidente da Câmara, Aldo Rebelo, defendeu nesta sexta-feira que o projeto que cria o sistema de cotas nas universidades federais seja votado pelo plenário, ao invés de seguir logo para o Senado. O projeto foi aprovado em caráter conclusivo na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara na quarta-feira, mas basta que um parlamentar apresente recurso para que a matéria seja levada ao plenário.

O projeto estabelece que 50% das vagas deverão ser destinadas a alunos que cursaram todo o ensino médio na rede pública, e prevê ainda que parte dessas vagas seja destinada a negros e índios de acordo com a proporção da população medida pelo IBGE.

Aldo disse que o Parlamento precisa dar uma resposta para a questão, mas evitou dizer se é contra ou a favor do projeto. Embora afirmando que não se pode comparar o preconceito existente no Brasil com Estados Unidos e Europa, Aldo disse que também não há como negar que existe preconceito no país, por isso, segundo ele, o Parlamento não pode ficar omissos e “tapar o sol com a peneira”.

– Não aceito qualquer tipo de insinuação de que temos problemas tão graves quanto nos Estados Unidos e em países europeus, mas também não aceito dizer que aqui não existe preconceito e desigualdade. Então, não basta dizer apenas que a cota não é o caminho. A desigualdade e o preconceito persistem e a pergunta que a Câmara precisa responder é: a política de cotas é a mais adequada? Nós temos que discutir e vamos, ou votar as cotas ou buscar outro caminho porque a sociedade espera que a Câmara responda a questão. Não podemos tapar o sol com a peneira – disse Aldo Rebelo, acrescentando:

– Não podemos nos comportar com omissão, com silêncio e com precipitação. Este é um problema nacional que exige uma resposta nacional, não é um problema ideológico, de um governo ou de um setor da sociedade, é de todo o país.

OPOSIÇÃO TAMBÉM QUER PLENÁRIO – Nesta quinta-feira, os líderes do PSDB e PFL anunciaram que tentariam levar o projeto a plenário. Para eles, o projeto é considerado polêmico e não deveria ser discutido apenas numa comissão, e sim por todos os deputados. Eles temem que a política de cotas seja inconstitucional.

– Da forma em que está colocada, ela certamente vai ferir o direito da igualdade de todos os brasileiros – disse o deputado Rodrigo Maia (PFL-RJ), líder do partido.

– É uma matéria muito complexa, que envolve discussões profundas, não é uma questão simples. Portanto, quem tem que opinar sobre isso é o conjunto da Câmara, não apenas um grupamento pequeno de uma comissão – defendeu o deputado Alberto Goldman (PSDB-SP), líder do partido.

O PT discorda:

– É uma ação afirmativa do Brasil a favor daqueles que têm mais dificuldade de chegar à universidade. É uma progressão para o nosso país. Postergar a votação de um projeto como este não ajuda em nada. Vou trabalhar para que ele vá direito ao Senado e seja votado o quanto antes – afirmou o líder Henrique Fontana (PT-RS).

Para o professor de direito constitucional da Uerj Luís Roberto Barroso, a discussão deve ser bem mais ampla:

– Começar o processo de reparação histórica pela universidade é um erro de prioridade. Deve-se investir num ensino fundamental e num ensino médio.

Pela proposta, metade das vagas das universidades públicas federais será reservada para estudantes que cursaram todo o ensino médio na rede pública. E parte destas vagas vai para alunos que se declararem negros ou indígenas, de acordo com a proporção destas populações em cada estado, segundo dados do IBGE. A adoção das cotas será gradativa: em quatro anos, a partir da publicação da lei. E não mais em dez anos, como estava na proposta original do governo.

 **Tarefa individual:** Produza um texto sobre o sistema de cotas que seja claro e conciso, mas que não deixe de apresentar informações importantes para sua interpretação. Aborde os pontos positivos e os pontos negativos da questão, e posicione-se. Entregue seu texto ao professor por “e-mail”.

 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. no fórum, organizem o grupo em ordem – o primeiro corresponde ao número 1, o segundo corresponde ao número 2 e assim por diante;
2. o número 1 deve iniciar uma narrativa e colocá-la no fórum do **ambiente da interação**;
3. o número 2 deve continuar a narrativa e colocá-la no fórum do **ambiente da interação** – e assim sucessivamente até o último integrante do grupo;
4. a narrativa de todo o grupo não deve ultrapassar 1 página;
5. o último integrante a contribuir deve entregar o trabalho do grupo no fórum do **ambiente da interação**.

3.5 Coerência e coesão

Além da clareza e da concisão, a produção de um texto também envolve fatores como a **coerência** e a **coesão**.

A **coerência** é a propriedade de um texto que permite que o interlocutor lhe atribua um sentido, que o entenda como lógico. Sendo assim, pelo fato de a coerência de um texto não estar explícita, é o interlocutor que a constrói no momento em que entra em contato com ele.



A **coesão** é a ligação que os elementos que constituem o texto estabelecem entre si. Contudo, ao contrário da coerência, a coesão é explícita, uma vez que se faz por meio de marcas de coesão linguísticas. A coesão textual se divide em **coesão referencial** e **coesão seqüencial**.

Pela coesão referencial, podemos retomar algum elemento que já tenha sido citado no texto. Por exemplo:



No exemplo citado, **ele** retoma **chinelinho**, que é chamado de **referente**. Essa estratégia é utilizada para que o texto não fique cansativo devido à repetição de termos.

A coesão seqüencial, contudo, estabelece a ligação entre as idéias do texto.

Vejamos a seguinte narrativa:



Nada liga essas frases. Contudo, aplicando elementos de coesão, teríamos o seguinte texto:



As expressões grafadas em itálico são as que estabelecem as relações de coesão entre as frases. Além disso, a pontuação, como a vírgula depois do pronome *la*, também constitui um importante mecanismo de coesão.

Apesar de coesão e coerência serem dois fenômenos que devem caminhar juntos e de a coesão contribuir para a coerência, a falta de um deles, nem sempre, afeta o outro. Dessa forma, o primeiro exemplo (“Quebrei a perna de tanto comer chocolate!”) é incoerente, porém coeso, ao passo que o segundo exemplo (“Abri o armário. Peguei minha roupa. Vesti. Calcei meus sapatos. Saí para trabalhar.”) é coerente, mas não possui coesão alguma. Nada liga as frases dessa narrativa.

 **Texto:** LIMA, Eduardo Souza. Filme brasileiro ganha prêmio no Festival de Berlim. *O Globo*, versão on-line, 11 fev., 2006.

Como podemos observar a partir da leitura da matéria de Eduardo Souza Lima, o texto é coerente, mas quase não apresenta coesão seqüencial. As frases e os parágrafos são soltos e não mantêm ligação explícita entre si. Contudo, podemos perceber que há uma certa coesão referencial – o uso de “o documentário” na terceira linha, por exemplo, retomando o filme.

Filme brasileiro ganha prêmio no Festival de Berlim

BERLIM – O filme “BerlinBall”, da diretora carioca Anna Azevedo (de “Rio de Jano” e “Batuque na cozinha”) ganhou na noite deste sábado o Berlim Today Award, mostra competitiva do Festival de Berlim dedicada a novos diretores. O documentário é estrelado por três garotos de Campina Grande (PB) que sonham em seguir os passos do conterrâneo Marcelinho Paraíba, astro do Hertha Berlin.

“Berlinball” era o único filme brasileiro numa mostra competitiva do festival alemão, um dos três mais importantes do mundo.

O roteiro do filme foi selecionado em junho de 2005, entre os mais de 200 inscritos no Summer Workshop do festival. A Berlim Today é dedicada a cineastas iniciantes – com apenas um longa-metragem no currículo – e este ano reúne filmes que tratem da capital alemã nos dias de hoje. O projeto de Anna foi um dos dez três escolhidos para serem produzidos pelo festival.

Com fotografia de Walter Carvalho (“Central do Brasil”, “Lavoura arcaica”), o curta de 15 minutos mostra a Berlim idealizada pelos meninos de Campina Grande. Para esses aspirantes a craques, a maior representação da cidade alemã é a camisa do Hertha Berlin. “BerlinBall” concorria com o filme de ficção “Under these wings” e a animação “If you need me”.

 **Tarefa individual:** Produza uma narrativa, sobre o tema de sua preferência, sem nenhuma coesão, ou seja, uma matriz, e, a seguir, reescreva-a acrescentando mecanismos que a transformem em um texto coeso. Não se esqueça de que o texto, mesmo sem coesão, deve ser coerente e claro. Entregue seu texto ao professor por “e-mail”.

 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. coloque sua matriz – texto sem coesão – no fórum do **ambiente da interação**;
2. sigam a mesma organização do grupo utilizada na seção 3.4;
3. o número 1 deve reescrever a matriz do número 2, acrescentando-lhe os mecanismos de coesão que julgar necessários, e colocá-la no fórum;
4. o número 2 deve reescrever a matriz do número 3 fazendo o mesmo e assim sucessivamente até o último integrante, que deve reescrever a matriz do número 1;
5. compare seu texto coeso com a matriz reescrita por seu colega e verifique se houve problemas de coerência pela falta de coesão, ou seja, se ele construiu um sentido diferente do seu;
6. entregue essa comparação ao professor por “e-mail”.

Unidade 4 : construção do texto

“Escrever exige trabalho, suor, revisão, elaboração e reelaboração.”

WALDECK, Sérgio; SOUZA, Luiz Marques de. *Compreensão e produção de textos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1975.

Nesta unidade, nossa preocupação se volta para a produção do texto em si. Conforme discutimos na **unidade 2**, construir um texto não é sinônimo de depositar frases conexas em uma folha de papel. Construir um texto ultrapassa os limites do autor ou do locutor. Construir um texto passa, especialmente, pelo contexto e pelo interlocutor. Sendo assim, o conceito de autoria “cai por terra”, uma vez que o sentido do texto e, conseqüentemente, o próprio texto é construído em co-autoria.



4.1 Fluxo de tópico, entidade tópica, subtópicos e tema

Durante a produção de um texto, seja oral, seja escrito, mantemos nosso foco em um determinado assunto, em um determinado tema, sobre o qual discursamos em nosso texto. É esse assunto que chamamos de **fluxo de tópico**.



A entidade tópica, por sua vez, é o tema de nosso fluxo de tópico, é a entidade sobre a qual o fluxo de tópico trata.



Subtópicos são ainda os vários fluxos de tópicos secundários que compõem o fluxo de tópico principal.

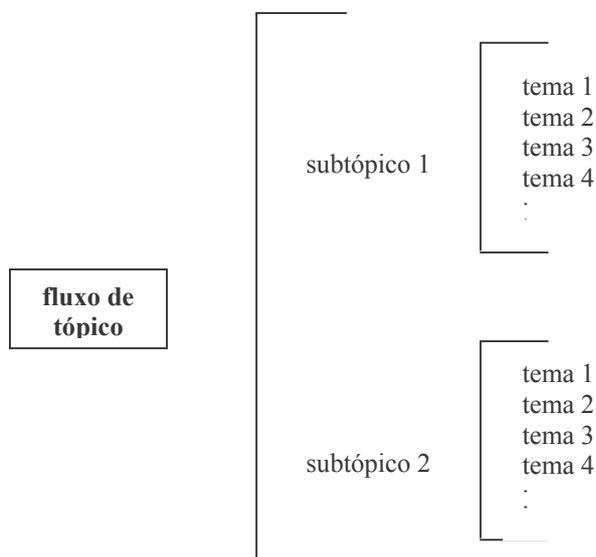


Os **temas**, por fim, agrupados, compõem os vários subtópicos que compõem o fluxo de tópico.

Concluindo, os temas compõem os subtópicos, que compõem o fluxo de tópico, que trata, diretamente, da entidade tópica. Tomemos como exemplo um texto cuja premissa básica seja “O crime não compensa”:

- a frase “O crime não compensa” é nosso fluxo de tópico;
- a entidade “crime” é a entidade tópica do fluxo de tópico;
- “miséria” e “justiça”, por exemplo, poderiam ser subtópicos do fluxo de tópico;
- “desemprego” e “falta de escolaridade”, por exemplo, poderiam ser temas do subtópico “miséria”.

Dessa forma, podemos representar a organização tópica de um texto da seguinte forma:



 **Texto:** AZEVEDO, Aluísio de. Aos vinte anos. In: *Contos*. 8ª ed. São Paulo : Ática, 1993. v. 10 (Para gostar de ler).

No conto de Aluísio de Azevedo, somos capazes de identificar o fluxo de tópico e seus subtópicos com facilidade.

Aos vinte anos

Abri minha janela sobre a chácara. Um bom cheiro de resedás e laranjeiras entrou-me pelo quarto, de camaradagem com o sol, tão confundidos que parecia que era o sol que estava recendendo daquele modo. Vinham ébrios de abril. Os canteiros riam pela boca vermelha das rosas; as verduras cantavam, e a república das asas papeava, saltitando, em conflito com a república das folhas. Borboletas doidejavam, como pétalas vivas de flores animadas que se desprendessem da baste.

Tomei a minha xícara de café quente e acendi um cigarro, disposto à leitura dos jornais do dia. Mas ao levantar os olhos para certo lado da vizinhança, dei com os de alguém que me fitava; fiz com a cabeça um cumprimento quase involuntário, e fui deste bem pago, porque recebi outro com os juro de um sorriso; e, ou porque aquele sorriso era fresco e perfumado como a manhã daquele abril, ou porque aquela manhã era alegre e animadora como o sorriso que desabotoou nos lábios da minha vizinha, o certo foi que neste dia escrevi os meus melhores versos e no seguinte conversei a respeito destes com a pessoa que os inspirou.

Chamava-se Ester, e era bonita. Delgada sem ser magra; morena, sem ser trigueira; afável, sem ser vulgar: uns olhos que falavam todos os caprichosos dialetos da ternura; uma boquinha que era um beijo feito de duas pétalas; uns dentes melhores que as jóias mais valiosas de Golconda; cabelos mais lindos do que aqueles com que Eva escondeu o seu primeiro pudor no paraíso.

Fiquei fascinado. Ester enleou-me todo nas teias da sua formosura, penetrando-me até ao fundo da alma com os irresistíveis tentáculos dos seus

dezesseis anos. Desde então conversamos todos os dias, de janela contra janela. Disse-me que era solteira, e eu jurei que seríamos um do outro.

Perguntei-lhe uma vez se me amava, e ela, sorrindo, atirou-me com um bogari que nesse momento trazia pendente dos lábios.

Aí! sonhei com a minha Ester, bonita e pura, noites e noites seguidas. Idealizei toda uma existência de felicidade ao lado daquela meiga criatura adorável; até que um dia, já não podendo resistir ao desejo de vê-la mais de perto, aproveitei-me de uma casa à sua contígua, que estava para alugar, e consegui, galgando o muro do terraço, cair-lhe aos pés, humilde e apaixonado.

– Ui! que veio o senhor fazer aqui? perguntou-me trêmula, empalidecendo.

– Dizer-te que te amo loucamente e que não sei continuar a viver sem ti! suplicar-te que me apresente a quem devo pedir a tua mão, e que marques um dia para o casamento, ou então que me emprestes um revólver e me deixes meter aqui mesmo duas balas nos miolos!

Ela, em vez de responder, tratou de tirar-se do meu alcance e fugiu para a porta do terraço.

– Então?... Nada respondes?... inquiri no fim de alguns instantes.

– Vá-se embora, criatura!

– Não me amas?

– Não digo que não; ao contrário, o senhor é o primeiro rapaz de quem eu gosto mas vá-se embora, por amor de Deus!

– Quem dispõe de tua mão?

– Quem dispõe de mim é meu tutor...

– Onde está ele? Quem é? Como se chama?

– Chama-se José Bento Furtado. É capitalista, comendador, e deve estar agora na praça do comércio.

– Preciso falar-lhe.

– Se é para pedir-me em casamento, declaro-lhe que perde o seu tempo.

– Por quê?

– Meu tutor não quer que eu case antes dos vinte anos e já decidi com quem há de ser.

– Já?! Com quem é?

– Com ele mesmo.

– Com ele? Oh! E que idade tem seu tutor?

– Cinquenta anos.

– Jesus! E a senhora consente?...

– Que remédio! Sou órfã, sabe? de pai e mãe... Teria ficado ao desamparo desde pequenina se não fosse aquele santo homem.

– É seu parente?

– Não, é meu benfeitor.

– E a senhora ama-o?...

– Como filha sou louca por ele.

– Mas esse amor, longe de satisfazer a um noivo, é pelo contrário um sério obstáculo para o casamento... A senhora vai fazer a sua desgraça e a do pobre homem!

– Ora! o outro amor virá depois...

– Duvido!

– Virá à força de dedicação por parte dele e de reconhecimento por minha parte.

– Acho tudo isso imoral e ridículo, permita que lho diga!

– Não estamos de acordo.

– E se eu me entender com ele? se lhe pedir que me dê, suplicar, de joelhos, se preciso for?... Pode ser que o homem, bom, como a senhora diz que é, se compadeça de mim, ou de nós e...

– É inútil! Ele só tem uma preocupação na vida: ser meu marido!

– Fugamos então!

– Deus me livre! Estou certa de que com isso causaria a morte do meu benfeitor!

– Devo, nesse caso, perder todas as esperanças de...?

– Não! Deve esperar com paciência. Pode bem ser que ele mude ainda de idéia, ou, quem sabe? pode ser que morra antes de realizar o seu projeto...

– E acha a senhora que esperarei, sabe Deus por quanto tempo! sem sucumbir à violência da minha paixão?...

– O verdadeiro amor a tudo resiste, quanto mais ao tempo! Tenha fé e constância é só o que lhe digo. E adeus.

– Pois adeus!

– Não vale zangar-se. Treppe de novo ao muro e retire-se. Vou buscar-lhe uma cadeira.

– Obrigado. Não é preciso. Faço todo o gosto em cair, se me escorregar a mão! Quem me dera até que morresse da queda, aqui mesmo!

– Deixe-se de tolices! Vá!

– Dê-me ao menos um beijo, para a viagem!

– Nem meio!

– Nada?

– Nada. Vá!

Sai; sai ridiculamente, trepando-me pelo muro, como um macaco, e levando o desalento no coração. – Ah! maldito tutor dos diabos! Velho gaitero e libertino! Ignóbil maluco, que acabava de transformar em fel todo o encanto e toda a poesia da minha existência! – A vontade que eu sentira era de matá-lo; era de vingar-me ferozmente da terrível agonia que aquele monstro me ferrara no coração!

– Mas não as perdes, miserável! Deixa estar! prometia eu com os meus botões.

Não pude comer, nem dormir, durante muitos dias. Entretanto, a minha adorável vizinha falava-me sempre, sorria-me, atirava-me flores, recitava os meus versos e conversava-me sobre o nosso amor. Eu estava cada vez mais apaixonado.

Resolvi destruir o obstáculo da minha felicidade. Resolvi dar cabo do tutor de Ester.

Já o conhecia de vista; muita vez encontramos-nos à volta do espetáculo, em caminho de casa. Ora, a rua em que habitava o miserável era escusa e sombria... Não havia que hesitar: comprei um revólver de seis tiros e as competentes balas.

– E há de ser amanhã mesmo! jurei comigo.

E deliberei passar o resto desse dia a familiarizar-me com a arma no fundo da chácara; mas logo às primeiras detonações, os vizinhos protestaram; interveio a polícia, e eu tive de resignar-me a tomar um bonde da Tijuca e ir continuar o meu sinistro exercício no hotel Jordão.

Ficou, pois, transferido o terrível desígnio para mais tarde. Eram alguns dias de vida que eu concedia ao desgraçado.

No fim de uma semana estava apto a disparar sem receio de perder a pontaria. Voltei para o meu cômodo de rapaz solteiro; acendi um charuto; estirei-me no canapé e dispus-me a esperar pela hora.

– Mas, pensei já à noite, quem sabe se Ester não exagerou a cousa?... Ela é um pouquinho imaginosa... Pode ser que, se eu falasse ao tutor de certo modo... hem? Sim! é bem possível que o homem se convencesse e... Em todo o caso, que diabo, nada perderia eu em tentar!... Seria até muito digno de minha parte...

– Está dito! resolvi, enterrando a cabeça entre os travesseiros. Amanhã procuro-o; faço-lhe o pedido com todas as formalidades; se o estúpido negar – insisto, falo, discuto; e, se ele, ainda assim não ceder, então bem – zás! morreu! Acabou-se!

No dia imediato, de casaca e gravata branca, entrava eu na sala de visitas do meu homem.

Era domingo, e apesar de uma hora da tarde, ouvi barulho de louça lá dentro.

Mandeí o meu cartão. Meia hora depois apareceu-me o velhote, de rodaque branco, chinelas, sem colete, palitando os dentes.

A gravidade do meu traje desconcertou-o um tanto. Pediu-me desculpa por me receber tão à frescata, ofereceu-me uma cadeira e perguntou-me ao que devia a honra daquela visita.

Que, lhe parecia, tratava-se de cousa séria...

– Do que há de mais sério, senhor comendador Furtado! Trata-se da minha felicidade! do meu futuro! Trata-se da minha própria vida!...

– Tenha a bondade de pôr os pontos nos i i...

– Venho pedir-lhe a mão de sua filha...

– Filha?

– Quer dizer: sua pupila...

– Pupila?...

– Sim, sua adorável pupila, a quem amo, a quem idolatro e por quem sou correspondido com igual ardor! Se ela não o declarou ainda a V.S.^a é porque receia com isso contrariá-lo; creia porém, senhor comendador, que...

– Mas, perdão, eu não tenho pupila nenhuma!

– Como? E D. Ester?...

– Ester?!...

– Sim! a encantadora, a minha divina Ester! Ah! Ei-la! É essa que aí chega! exclamei, vendo que a minha estremecida vizinha surgiu na saleta contígua.

– Esta?!... balbuciou o comendador, quando ela entrou na sala, mas esta é minha mulher!...

–?!...

 **Tarefa individual:** Ao ler o texto “Aos vinte anos”:

- identifique o fluxo de tópico;
- identifique a entidade tópica;
- estabeleça uma relação entre o título e o texto;
- identifique os subtópicos do texto;
- atribua um outro título ao texto;
- quebre o texto em partes;
- dê subtítulos a essas partes.

Por fim, entregue sua tarefa ao professor por “e-mail”.

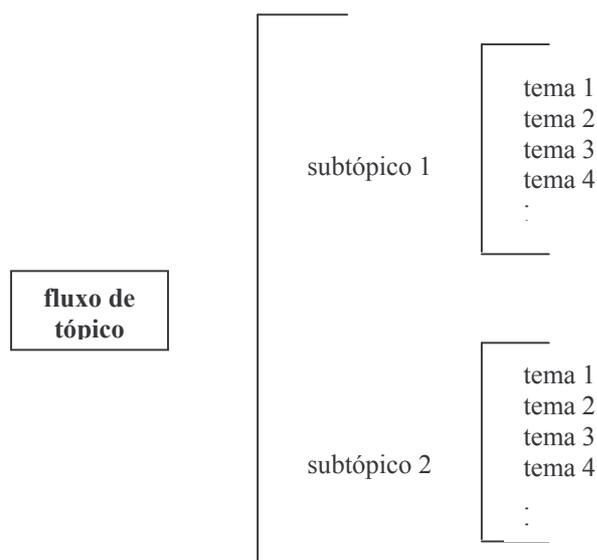
 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. coloque sua análise no fórum do **ambiente da interação**;
2. escolha, junto com seus colegas, um novo representante para o grupo;
3. o representante deve reunir, em um único texto, as análises dentro do grupo;
4. todos os outros integrantes devem, no fórum, analisar e fazer contribuições ao trabalho editado pelo representante;
5. o representante deve entregar o trabalho do grupo ao professor por “e-mail”.

4.2 Planejamento do texto

Antes de começar a produzir um texto escrito propriamente dito, elabore um plano de escritura. Esse planejamento orienta a construção do texto.

Para fazer esse planejamento, crie um esquema de fluxo de tópico como o exposto na seção 4.1.



No esquema, os subtópicos e os temas já devem aparecer na ordem em que figurarão no texto. Contudo, nada impede que o esquema possa ser alterado, adaptado ao longo da produção do texto.

 **Texto:** PEREIRA, Daniel. Uma história de cidadania. *O Globo*, versão online, 25 ago., 2005.

O texto de Daniel Pereira, uma reportagem de jornal, vai-nos motivar para um “chat”.

Uma história de cidadania

Um lixão em frente, cinco favelas em volta, nenhuma empresa próxima e falta de professores em quase todas as matérias. Está é a realidade do CIEP Antonio Francisco de Lisboa, no bairro Jardim Metrôpoles, em São João de Meriti, que em mais um evento do projeto Educando o Cidadão Para o Futuro, dia 25 de agosto, recebeu a cantora Nega Gizza. Entrevistada pela repórter do jornal Extra Christina Fuscaldo, a rapper contou que quase entrou para o tráfico de drogas e que conhece bem a forma que os alunos dali vivem. Ela queria vingar a morte de um parente, mas resolveu usar o microfone como arma e lutar contra a desigualdade social.

A diretora adjunta do CIEP, Cristiane Simplicio, disse que é difícil encontrar algum professor disposto a trabalhar ali. Ela mesmo afirma que já pensou em pedir exoneração do cargo e conta que há três anos, quando chegou à escola, presenciou algumas brigas de grupos rivais.

– Por causa do trabalho precisei morar em uma das comunidades vizinhas. É muito importante para nós a presença da Gizza. Ela viveu a realidade que os nossos alunos vivem hoje. Com esta história, nós plantamos uma semente na mente de cada um deles – disse.

Diante dos olhos atentos dos estudantes, Nega Gizza lembrou que tinha três anos quando o pai foi embora de casa. Aos 13 anos, costumava recortar matérias de jornais que falavam da realidade de comunidades carentes. Daí, ela montou um programa de rádio. Mas enquanto falava sobre as favelas, o seu irmão (Neném) se envolvia no comércio de drogas. Tinha início ali um verdadeiro calvário na família.

– Minha mãe deu a mesma educação para todos nós. Ela, até hoje, não sabe onde errou. Acho que ninguém entra para o tráfico de uma hora para a outra. É a falta de oportunidade e de atividade que puxa para a criminalidade. A criançada chega em casa depois da escola, os pais não estão, a comida é ruim, a luz está desligada, a televisão não funciona... Aí é só olhar da janela e ver que lá fora tem uma “turminha” reunida. Sem ter o que fazer, a criança acaba se envolvendo e quando a família vai perceber já é tarde – avaliou.

Na rádio, Gizza acabou fazendo um programa de música e passou a freqüentar bailes para entender o mundo do funk e do hip hop. Foi aí que conheceu o trabalho do cantor MV Bill e percebeu que as letras diziam coisas que a interessavam. A veia contestadora de Gizza ia se afluando, mas o seu irmão se afluando cada vez mais no tráfico.

– Ele ficou preso por dois anos. Quando saiu, “formou” logo com o pessoal da “boca”. Um dia ele saiu de casa e não voltou mais – lamentou.

Revoltada com a morte do irmão, ela mandou um recado para o morro:

– Agora o “bagulho” é comigo! Eu vou organizar o “movimento” e matar quem fez isso com o Neném.

O aviso chegou aos ouvidos de MV Bill. Depois de explicá-la que a situação era igual a de milhares de famílias, ele apresentou uma alternativa: por meio da música e da crítica social seria possível evitar casos como o do seu irmão.

– A partir daquele momento ele se tornou meu irmão. Hoje, assim como ele, eu tento mostrar que existe um caminho diferente da marginalidade. Para isso, montamos a Central Única de Favelas (Cufa), mas falta recurso para levar alguns projetos à frente.

 **Tarefa individual:** Antes de realizar a tarefa individual, discuta com seus colegas e seu professor, em um “chat”, o fluxo de tópico “Por que os jovens entram no mundo do crime?”. Procure apontar as causas que levam um jovem a cometer crimes, as conseqüências, e aponte possíveis soluções para esse problema social. Após a discussão, construa um esquema para o fluxo de tópico “Por que os jovens entram no mundo do crime?” e o entregue ao professor por “e-mail”.

 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. coloque seu esquema no fórum do **ambiente da interação**;
2. sigam a mesma organização do grupo utilizada nas seções 3.4 e 3.5;
3. o número 1 deve produzir o texto definido pelo esquema do número 2 e colocá-lo no fórum;
4. o número 2 deve produzir o texto definido pelo esquema do número 3 e assim sucessivamente até o último integrante, que deve produzir um texto a partir do esquema do número 1;

5. escolha, junto com seus colegas, no fórum, por meio de votação, o melhor texto – ou seja, o que está mais de acordo com o esquema em que se baseou –, que será o trabalho do grupo – lembre-se de que você não pode votar em seu próprio trabalho;
6. o autor do melhor texto deve entregá-lo ao professor por “e-mail”.

 **Cena do filme:** “Um pobretão na Casa Branca”. Mays Gilliam, um vereador em Washington, é um político honesto e trabalhador, que se preocupa realmente com o povo. Por meio de uma jogada política, Gilliam é lançado como candidato à Presidência dos Estados Unidos. À primeira vista, era um candidato inexpressivo, mas seu carisma e sua inteligência fizeram com que subisse cada vez mais nas pesquisas, apavorando seu oponente. Cena em que Mays Gilliam faz um discurso improvisado que marca sua ascendência nas pesquisas (0:31:00 a 0:36:00).

Na cena de “Um pobretão na Casa Branca”, Mays Gilliam assume como fluxo de tópico a sentença “Não está certo.” para ilustrar a realidade em que o povo norte-americano vive. Com isso, ele tematiza a educação, a política, a segurança, a saúde...

4.3 Construção do texto

A partir de um esquema elaborado, podemos começar a construir nosso texto, que será composto por parágrafos. Um **parágrafo** é uma construção constituída de uma ou mais frases – devemos evitar a construção de parágrafos extensos – que possui uma idéia central.

Portanto, a construção de um texto passa pela construção de parágrafos. A construção mais comum consiste em um parágrafo introdutório – a introdução –, que apresenta o fluxo de tópico e os subtópicos, um ou mais parágrafos que desenvolvam o fluxo de tópico e os subtópicos – o desenvolvimento –, e um parágrafo que conclua o texto – a conclusão. Por vezes, a conclusão é omitida.

 **Texto:** AZEVEDO, Artur. *O gramático*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000094.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2006.

Ao ler o texto “O gramático”, percebemos que, às vezes, não conseguimos “colocar no papel” nossas idéias com facilidade – como aconteceu com o redator do jornal – por diversos motivos, como cansaço, falta de reflexão suficiente a respeito do assunto ou excesso de informações acerca do tema, excesso de cuidados com a linguagem...

O gramático

Havia na capital de uma das nossas províncias menos adiantadas certa panelinha de gramáticos, sofrivelmente pedantes. Não se agitava questão de sintaxe, para cuja solução não fossem tais senhores imediatamente consultados. Diziam as coisas mais simples e rudimentares num tom pedantesco e dogmático, que não deixava de produzir o seu efeito no espírito das massas boquiabertas.

Dessa aluvião de grandes homens destacava-se o Dr. Praxedes, que almoçava, merendava, jantava e ceava gramática portuguesa.

Esse ratão, bacharel formado em Olinda, nos bons tempos, era chefe de seção da Secretaria do Governo, e andava pelas ruas a fazer a análise lógica das tabuletas das lojas e dos cartazes pregados nas esquinas. “Casa do Barateiro, – sujeito: esta casa; verbo, é; atributo, a casa; do barateiro, complemento restritivo.” O Dr. Praxedes despedia um criado, se o infeliz, como a *soubrette* das *Femmes Savantes*, cometia um erro de prosódia.

E quando submetia os transeuntes incautos a um exame de regência gramatical?

Por exemplo: encontrava na rua um menino, e este caía na asneira de perguntar muito naturalmente:

– Sr. Dr. Praxedes, como tem passado?

– Venha cá, respondia ele agarrando o pequeno por um botão do casaco: “Sr. Dr. Praxedes, como tem passado?” – que oração é esta?

– Mas... é que estou com muita pressa...

– Diga!

– É uma oração interrogativa.

– Sujeito?

– Sr. Dr. Praxedes.

– Verbo?

– Ter.

– Atributo?

– Passado.

– Bom. Pode ir. Lembranças a seu pai.

E, com uma idéia súbita, parando:

– Ah! venha cá! venha cá! Lembranças a seu pai – que oração é esta?

– É uma oração... uma oração imperativa.

– Bravo! – Sujeito?

– Está oculto... é você... Você dê lembranças a seu pai.

– Muito bem. Verbo?

– Dar.

– Atributo?

– Dador.

– Lembranças é um complemento...?

– Objetivo.

– A seu pai...?

– Terminativo.

– Muito bem. Pode ir. Adeus.

* * *

Depois de aposentado com trinta anos de serviço, o Dr. Praxedes recolheu-se ao interior da província, escolhendo, para passar o resto dos seus gloriosos dias, a cidadezinha de ***, seu berço natal. Aí advogava por muito empenho, continuando a exercer a sua missão de oráculo em questões gramaticais.

Raramente saía à rua, pois todo o tempo era pouco para estar em casa, respondendo ás numerosas consultas que lhe dirigiam da capital e de outros pontos da província.

* * *

A cidadezinha de *** dava-se ao luxo de uma falha hebdomadária, o *Progresso*, propriedade do Clorindo Barreto, que acumulava as funções de

diretor, redator, compositor, revisor, paginador, impressor, distribuidor e cobrador.

Ninguém se admire disso, porque o Barreto – justiça se lhe faça – dava mais uso à tesoura do que à pena. O vigário, que tinha sempre a sua pilhéria aos domingos, disse um dia que aquilo não era uma tesoura, mas um tesouro.

Entretanto, se no escritório do *Progresso* a goma-arábica tinha mais extração que a tinta de escrever, não se passava caso de vulto, dentro ou fora da localidade, que não viesse fielmente narrado na folha.

Por exemplo.

“O Sr. Major Hilarião Gouveia de Araújo acaba de receber a grata nova de que seu prezado filho, o jovem Tancredo, acaba de concluir os seus preparatórios na Corte, e vai matricular-se na Escola Politécnica, da referida Corte.

“Cumprimentamos cheios de júbilo o Sr. Major Hilarião, que é um dos nossos mais prestimosos assinantes, desde que fundou-se a nossa falha.”

* * *

Em fins de maio de 1885, a notícia do falecimento de Victor Hugo chegou à cidadezinha de ***, levada por um sujeito que saíra da capital justamente na ocasião em que o telégrafo comunicara o infausto acontecimento.

O Barreto, logo que soube da notícia, coçou a cabeça e murmurou:

– Diabo! não tenho jornais... Como hei de descalçar este par de botas? A notícia da morte de Victor Hugo deve ser floreada, bem escrita, e não me sinto com forças para desempenhar semelhante tarefa!

Todavia, molhou a pena, que se parecia um tanto com a espada de certos generais, e rabiscou: Víctor Hugo.

Ao cabo de duas horas de cogitação, o jornalista não escrevera nem mais uma linha...

* * *

Mas, oh! Providência! nesse momento passou pela porta da tipografia o sábio Dr. Praxedes, a passos largos, medidos e solenes, e uma idéia iluminou o cérebro vazio de Clorindo Barreto.

– Doutor Praxedes! Doutor Praxedes! exclamou ele. Tenha vossa senhoria a bondade de entrar por um momento. Preciso falar-lhe.

O Dr. Praxedes empacou, voltou-se gravemente e, conquanto embirrasse com o Barreto, por causa dos seus constantes solecismos, entrou na tipografia.

– Que deseja?

O redator do *Progresso* referiu a notícia da morte do grande poeta, confessou o vergonhoso embaraço em que se achava, e apelou para as luzes do Dr. Praxedes.

Este, com um sorriso de lisonjeado, sorriso que logo desapareceu, curvando-se-lhe os lábios em sentido oposto, sentou-se a mesa com a gravidade de um juiz, tirou os óculos, limpou-os com muito vagar, bifurcou-os no nariz, pediu uma pena nova, experimentou-a na unha do polegar, dispôs sobre a mesa algumas tiras de papel, cujas arestas aparou cuidadosamente com a... com o tesouro, chupou a pena, molhou-a três vezes no tinteiro infecundo, sacudiu-a outras tantas, e, afinal escreveu:

“Falecimento. – Consta, por pessoa vinda de ~ ter falecido em Paris, capital da França, o Sr. Victor Hugo, poeta insigne e autor de várias obras de mérito, entre as quais um drama em verso, *Mariquinhas Delorme* (*Marion Delorme*) e uma interessante novela intitulada *Nossa Senhora de Paris* (*Notre-Dame de Paris*).

“O ilustre finado era conde e viúvo.

“O seu falecimento enluta a literatura da culta Europa.

“Nossos sinceros pêsames à sua estremecida família.”

* * *

O Dr. Praxedes saiu da tipografia do *Progresso*, e continuou o seu caminho a passos largos, medidos e solenes.

La mais satisfeito e cheio de si do que o próprio Sr. Víctor Hugo quando escreveu a última palavra da sua interessante novela.

O Barreto ficou radiante, e, examinando a tira de papel escrita pelo gramático, exclamou, comovido pela admiração:

– Nem uma emenda!

 **Tarefa individual:** Produza um texto a partir do plano elaborado por você na seção 4.2. Não se esqueça de aspectos importantes para a construção de um texto, como a clareza, a concisão, a coerência e a coesão. Entregue seu texto ao professor por “e-mail”.

 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. coloque seu texto no fórum do **ambiente da interação**;
2. compare o texto produzido por seu colega a partir do esquema elaborado por você na seção 4.2 e o texto que você produziu em sua tarefa individual nesta seção, e faça comentários a respeito das semelhanças e diferenças de abordagens;
3. entregue seus comentários ao professor por “e-mail”.

Unidade 5: tipos e gêneros textuais

“Escrever é uma luta incessante com a palavra: exige paciência e amor. A idéia amadurece como um fruto guardado numa gaveta.”

Lígia Fagundes Teles

Nesta unidade, vamos tratar dos tipos e dos gêneros textuais mais utilizados no ambiente acadêmico:

- o **texto argumentativo** – quando tentamos convencer nosso interlocutor de que a verdade está conosco;
- o **resumo** – quando sintetizamos um texto, respeitando a organização das idéias do autor;
- a **resenha crítica** – quando sintetizamos, de forma crítica, um texto, emitindo nossas opiniões e fazendo comentários;
- o **artigo acadêmico** – quando escrevemos um texto que transmita os dados obtidos em uma pesquisa, em testes, em debates...



5.1 Texto argumentativo

O **texto argumentativo** tem seu foco voltado para o interlocutor, uma vez que visa persuadi-lo, de alguma forma, sobre um determinado assunto. Contudo, quanto mais polêmico for esse assunto, mais propício para a argumentação será o texto – o que é consenso não necessita de argumentação.

A estrutura do texto argumentativo requer:

- uma introdução, que apresenta nossa tese, nosso posicionamento;
- o corpo do texto, que apresenta a seqüência de argumentos a favor de nossa tese, incluindo exemplos relevantes, pesquisas ou provas concretas, e a seqüência de possíveis contra-argumentos, que também devem ser “derrubados” – o autor deve presumir o que o leitor pode sugerir como contra-argumento;
- uma conclusão, que confirma a tese defendida.

Contudo, um texto argumentativo pode também apresentar argumentos a favor e contra durante o texto sem se posicionar na introdução, deixando esse movimento para a conclusão.

Os argumentos, por sua vez, devem possuir credibilidade, entendida como a presença de provas concretas e de argumentos coerentes, lógicos. Perdemos credibilidade quando generalizamos em excesso os fatos, fazemos deduções sem comprovações, apresentamos estatísticas que não tenham relação direta com a tese.

Por fim, é importante que o locutor mostre o que conhece do assunto.



Quando conhecemos nosso interlocutor e suas opiniões, fica mais fácil construir um texto que o atinja diretamente. Contudo, quando nosso texto se dirige a um interlocutor genérico, corremos o risco de utilizar argumentos que não o convençam facilmente.



Texto: AZEVEDO, Artur. *O Paulo*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000099.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2006.

O texto “O Paulo”, de Artur Azevedo, apresenta-nos situações bastante delicadas, como a falta de reconhecimento e gratidão, e o abandono de um filho, por exemplo. Contudo, embora a traição não tenha sido consumada no texto, podemos deduzir que ela tenha acontecido.

O Paulo

Se o senhor conhecesse o meu amigo Paulo, com certeza o estimaria: era um excelente rapaz, um belo camarada.

Há dezesseis anos que ele se tinha casado, por amor, com uma linda moça, e nunca houve marido mais amante, mais solícito, mais cumpridor dos seus deveres, para empregar aqui esta frase cômoda, em que o vulgo envolve todas as virtudes maritais.

Ao cabo de um ano de casamento, nasceu ao Paulo uma filha que completou a sua felicidade, e fez com que ele se considerasse a mais venturosa das criaturas humanas.

Essa ilusão durou muito tempo, durou até o dia em que o pobre rapaz, perdendo o emprego que tinha, e arranjando outro menos rendoso, foi obrigado a mudar-se para uma casa mais modesta e a restringir as suas despesas. A mulher, que gostava muito de se embonecar e de se divertir, achou que isso era a miséria e o deu a perceber ao marido. Este afligiu-se tanto que adoeceu.

Em janeiro deste ano, uma tarde, voltando para casa, depois do trabalho, o Paulo não encontrou a mulher.

– Que é de tua mãe? – perguntou à filha.

– Saiu; não me disse onde ia, mas deixou uma carta para papai.

Ele sentiu logo um grande abalo no coração e teve um terrível pressentimento. As mulheres que abandonam o domicílio conjugal fazem, por via de regra, como os homens que se matam: deixam uma carta. O Paulo sabia disso e tremeu.

Não se enganava. A desgraçada deixou-o e deixou também a filha, uma pobre moça de quatorze anos, que precisava tanto dos cuidados maternos.

O Paulo era forte de coração, mas fraco de espírito; o golpe aniquilou-o; entretanto, fez das fraquezas força e continuou a viver e a trabalhar por amor da filha, que confiou a uma família amiga.

Passados alguns meses, a mulher, que tinha ido viver em companhia de um amante, sentiu saudades da menina, e tentou reavê-la. Não o conseguindo, naturalmente, por meio de súplicas e sabendo que não tinha a lei por si, a desgraçada teve uma idéia monstruosa, talvez sugerida pelo seu digno amante: escreveu uma carta ao marido afiançando-lhe que ele não era pai daquela criança.

A carta infame produziu o desejado efeito: o pobre Paulo, depois de alguns dias de profunda melancolia, teve um violento acesso de loucura e foi internado no Hospício.

Ao cabo de algum tempo foi removido para a casa de um parente, mas durou apenas uma semana. Faleceu anteontem e foi enterrado ontem.

A viúva provavelmente vai casar-se com o amante, e a infeliz menina ficará sob a tutela do padrasto.

Aí tem, meu ilustre amigo, um caso que se passou neste ano de 1908, caso verídico e pungente pelo qual substituo hoje um conto inventado, sem mesmo disfarçar o nome do meu desventurado amigo, que se chamava realmente Paulo.

 **Tarefa individual:** A partir da leitura do texto “O Paulo”, produza um texto argumentativo, direcionado a um interlocutor genérico, que defenda sua opinião a respeito da traição. Para isso, ponha-se no lugar da pessoa traída e da pessoa que trai. Lembre-se dos movimentos necessários em um texto argumentativo e não se esqueça da clareza. Um argumento mal compreendido não convence e acaba por ser ignorado pelo leitor. Entregue seu texto ao professor por “e-mail”.

 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. discuta com seus colegas e seu professor, em um “chat”, suas opiniões a respeito da traição, mais especificamente das atitudes da esposa de Paulo;
2. a partir das opiniões expostas no “chat”, escolha um colega para ser seu interlocutor em seu novo texto argumentativo;
3. produza um novo texto argumentativo defendendo suas opiniões (que podem ter mudado após o debate) a respeito da traição, voltado especialmente para o interlocutor escolhido;
4. entregue seu texto ao professor por “e-mail”.

 **Cena do filme:** “Justiça para todos”. Arthur Kirkland, um brilhante advogado indignado com o sistema judiciário, em que advogados e juízes fazem acordos que levam à condenação de inocentes e à liberdade de culpados, vê-se diante de uma difícil situação: escolher entre a carreira (defender John Forsythe, um juiz acusado de estupro e espancamento de uma jovem) e a integridade (assumir a culpa de seu cliente e permitir que ele pague pelo crime que cometeu. Cena final do julgamento (1:46:00 a 1:51:00).

Na cena de julgamento de “Justiça para todos”, o advogado de acusação expõe seus argumentos para convencer os jurados de que John Forsythe é culpado pelo estupro e pelo espancamento de uma jovem. A seguir, Arthur entra em ação enquanto advogado de defesa, e argumenta, inclusive com argumentos que não embasam sua tese e, por isso, não são aceitos pelo juiz e pelo advogado de defesa. Contudo, a tese de Arthur não é tão clara e facilmente identificável.

5.2 Resumo

O **resumo** é um texto breve e claro que sintetiza o texto original, considerando suas idéias principais e desprezando seus pormenores. Além disso, o resumo deve seguir o mesmo raciocínio lógico do autor – ordem das idéias e correlação entre elas –, mas sem copiar suas palavras, ou seja, o conteúdo do resumo é o mesmo do texto resumido, mas a forma deve ser original.

A forma de se fazer um resumo é muito particular. Contudo, podemos seguir alguns procedimentos básicos, como ler o texto por inteiro antes de começar a resumi-lo, e marcar, nessa leitura, algumas passagens importantes e palavras-chave. Essas anotações prévias facilitam sobremaneira a produção de um resumo. O resumo também pode ser feito por partes – por capítulo, por exemplo. Somente na segunda leitura é que devemos começar o resumo. Só temos idéia do significado das partes quando conhecemos por completo o todo.



Dessa forma, um resumo deve apresentar:

- o assunto e o objetivo do texto;
- a articulação das idéias;
- as conclusões do autor da obra;
- idéias sem juízo de valor;
- idéias claras, que dispensem a consulta ao texto original.

 **Texto:** ASSIS, Machado de. *O alienista*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000216.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2006.

 Para acessar o conto “O Alienista”, entre no “site” <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000216.pdf>.

 **Tarefa individual:** A partir da leitura do conto “O Alienista”, faça um resumo claro e conciso de até 2 páginas. Não se esqueça dos movimentos que um resumo deve conter e de utilizar suas próprias palavras, respeitando sempre a organização de idéias utilizada pelo autor. Entregue seu resumo ao professor por “e-mail”.

 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. coloque seu resumo no fórum do **ambiente da interação**;
2. escolha, junto com seus colegas, por meio de votação no fórum, o melhor resumo entre os individuais, que será o trabalho do grupo – lembre-se de que você não pode votar em seu próprio trabalho;
3. o autor do melhor resumo deve entregá-lo ao professor por “e-mail”.

5.3 Resenha crítica

Na **resenha crítica**, apresentamos o conteúdo do texto em questão, seus objetivos e a forma de exposição do texto, e fazemos uma avaliação crítica do conteúdo, da forma, do estilo, da disposição dos tópicos. Para produzirmos uma resenha crítica, precisamos conhecer do assunto tratado e podemos utilizar opiniões de diversos autores.



- uma introdução que exponha todo o conteúdo da obra de forma resumida e genérica, e de forma restrita, focando o tópico a ser discutido;
- uma descrição breve da forma utilizada pelo autor do texto para abordar o assunto;
- uma avaliação e um julgamento crítico, em que vamos comentar, objetiva e subjetivamente, a respeito do conteúdo e de sua forma de apresentação, construindo um juízo de valor para a obra – mas sempre respeitando a figura do autor, sua “voz” e as evidências de seu estudo;
- algumas considerações finais, em que apresentaremos as conclusões do autor independentes das nossas, ou seja, se estão coerentes com tudo o que foi apresentado durante o texto – neste momento, podemos também recomendar ou não a obra;
- as referências bibliográficas com as obras consultadas para a produção da resenha.

 **Texto:** SANTOS, Eva de Fátima Silva. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. *Revista de história regional*. v. 6, n.1 . Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pg000076.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2006.

Vejam os exemplos de uma resenha:

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

David Harvey surgiu, na década de 60 no cenário intelectual da disciplina geográfica com um livro que fez sucesso entre os especialistas: *Explanation in Geography* (Londres, 1969), no qual examinou toda a contribuição científica recente, referente em particular a modelos e teorias dos sistemas e seu impacto em geografia. Harvey, inglês, foi professor da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos até 1987, quando transferiu-se para a cadeira de Geografia em Halford Mackinder da Universidade Oxford. Seus livros anteriores incluem *Social Justice and the City*, *The limits to capital* e *The Urban Experience*.

Nas últimas décadas, *pós-modernismo* é um termo bastante discutido pelos geógrafos contemporâneos e pelas forças políticas conflitantes que já não pode ser ignorado. Portanto, faz-se necessário reconhecer a significação dessa absorção de uma espécie particular de estética modernista pela ideologia oficial. Esse novo conceito significa uma revolta artística e cultural, bem como uma revolta política progressista organizada pelo próprio modernismo.

O termo *pós-moderno* é adequado para as transformações culturais a que ora assistimos. Mas não é mudança de paradigma, é um conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições de um período já existente. Entre 1968 e 1972 o movimento pós-moderno surge após libertar-se dos movimentos antimodernistas dos anos 60. É na arquitetura urbana que o pós-modernismo se manifesta no seu sentido amplo como uma ruptura com a idéia modernista de que o planejamento e o desenvolvimento devem concentrar-se em planos urbanos de larga escala, de alcance metropolitano, tecnologicamente racionais e eficientes, sustentados por uma arquitetura despojada.

Marx oferece uma das primeiras e mais completas interpretações da modernização capitalista, criou um novo internacionalismo através do mercado mundial, das forças da natureza do homem, do maquinário, da revolução agrícola e industrial, da navegação a vapor, das ferrovias, dos telégrafos, do possibilismo natural etc. É nos escritos de Marx que entendemos que os processos sociais agem no capitalismo caracterizados por promover o individualismo, a alienação, a fragmentação, a efemeridade, a inovação, a destruição criativa, o desenvolvimento especulativo, mudanças imprevisíveis nos métodos de produção e de consumo, mudança da experiência do espaço e do tempo. Assim concluímos que a descrição feita por Marx do capitalismo nos oferece motivos para analisar nas relações sociais entre modernização, modernidade e os movimentos estéticos dessas condições.

Compreender como a história é feita constitui a fonte primordial de discernimento emancipatório e consciência política prática, ou seja, o grande contingente mutável de uma interpretação crítica da vida e da prática social. Hoje é nas novas formas de reparo temporal e espacial que encontramos os elementos para identificar a impulsiva reviravolta na direção de práticas culturais e de discursos filosóficos pós-modernistas. Reconhece-se a gravidade dos problemas (o maior deles a desigualdade social), mas se percebe também que os agentes sociais, sintetizados e abstraídos em capital e trabalho, adaptam-se às novas condições, ou mesmo influem na criação das novas circunstâncias.

O Estado trabalha na montagem de novas formas de regulação, caminhando na direção de um regime flexível, que vem resultando num modelo de desenvolvimento liberal-produtivista.

O mundo da experiência do espaço e do tempo teve muito a ver com o nascimento do modernismo e com os focos de tensão entre o sentido do tempo e do espaço. É nas duas últimas décadas que temos vivido uma intensa fase de compreensão do tempo-espaço que tem tido um impacto desorientado

e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como, sobre a vida social e cultural. A compreensão do tempo-espaço evidencia fortes simpatias por determinados movimentos políticos, culturais e filosóficos com a volta de interesse pela geografia da percepção, a valorização das paisagens e a estética do lugar.

A intensidade da compreensão do tempo-espaço no capitalismo ocidental a partir dos anos 60 nos indica um contexto experiencial que confere à condição da pós-modernidade algo um tanto especial gerado pelas pressões da acumulação de capital e a redução do espaço por meio do tempo e também da redução do tempo de giro. A mudança da experiência do espaço e do tempo teve muito a ver com o nascimento do modernismo e a relação do espaço temporal. Produção em massa e consumo em massa é o grande lema chamado de *fordismo*. Fordismo é um sistema que usa uma certa forma de organização espacial para acelerar o tempo de giro do capital produtivo. Assim o tempo pode ser acelerado em virtude do controle estabelecido por meio da organização e fragmentação da ordem espacial da produção. O capital é o dominador do espaço-tempo e o faz, em parte, graças ao domínio superior do espaço e do tempo.

Em resumo, o pós-modernismo pode ser considerado uma condição histórico-geográfica de uma certa espécie. A mais evidente foi o poder da *imagem* na política americana com a eleição de um ator de cinema, Ronald Reagan, para um dos cargos mais poderosos do mundo. Nesse fato fica evidente o que a técnica desenvolvida pela produção de *imagem* no mundo contemporânea pode fazer (desde construir a personalidade de uma pessoa como a melhor do mundo). Outra espécie é a *colagem* que consiste numa técnica que o pós-modernismo usa em larga medida, isto é, a justaposição de elementos distintos e aparentemente incongruentes podem ser divertidas e, às vezes, instrutivas. O *capital* é a espécie mais analisada para entender o pós-modernismo. É um processo de reprodução da vida social por meio da produção de mercadorias em que todas as pessoas do mundo capitalista avançado estão envolvidas. A Geografia Histórica é fruto do capitalismo consiste sua trajetória em função do lucro, produzindo espaço, lançado novos produtos, novas tecnologias, novos espaços e localizações, novos processos de trabalhos etc. Bourdieu, diz que nós possuímos poderes de improvisação regulada, moldada pela experiência, que nos permite ter “uma capacidade interminável de engendrar produtos, pensamentos, percepções, expressões, ações cujos limites são fixados pelas condições historicamente situadas”. (Citado por HARVEY, p. 308). Toda essa reprodução na ordem social mediante a exploração alterando o espaço-tempo é evidente no pós-modernismo.

Outra contribuição para entendermos o pós-modernismo é através do materialismo histórico como condição histórico-geográfica. O materialismo histórico defende que as forças motrizes da história devem ser procuradas na organização material das sociedades, ou seja, na maneira como produzem as condições de sobrevivência, e não nas idéias ou intenção dos homens. É através desse método dialético que a Geografia é levada a sério. As dimensões do espaço e do tempo tornam-se relevantes, territórios e espaços do poder tornam-se vitais como forças organizadoras na geopolítica do capitalismo ao mesmo tempo que alteram a lógica global do desenvolvimento capitalista. O presente é entendido como um novo triunfo dos valores antigos e eternos, como um retorno ao princípio do verdadeiro e do justo, como uma restauração ou renascimento desses princípios. Os modernistas consideram que o presente só é válido como potencialidade para uma revolução futurística.

David Harvey escreveu esta obra para investigar mais profundamente a natureza da Pós-Modernidade. Para tanto fez uma pesquisa materialista-histórica das mudanças ocorridas na sociedade respondendo a indagações sobre a compreensão do pós-modernismo. Trilhou os caminhos e descaminhos das condições históricas elucidando o tema numa busca interpretativa culturalmente contextualizada.

Passo a passo o autor vai revelando não apenas conceitos de outros autores mas também vai incluindo suas idéias e tendências ideológicas, sumariza então o que pensa sobre o significado das descobertas e acrescenta seus argumentos.

Trata-se de obra de cuidadoso rigor metodológico, que explora e conclui sobre os problemas que se propõe estudar, sem desvios ou distorções. Utiliza várias técnicas de coleta de dados, diagramas, fotografias, mapas, pinturas, tabelas, obras de arte, obtendo assim maior riqueza de informação.

A escolha dos autores citados por Harvey foi extremamente feliz, por reunir pesquisadores de primeira linha, numa seleção das primeiras lideranças mundiais contemporâneas. Talvez, até, com excessos de contribuições para que o leitor sinta e compreenda essa realidade não somente através de suas palavras mas também através da fala dos geógrafos, arquitetos, urbanistas marxistas, líderes comunistas, historiadores e filósofos que contribuíram para a compreensão do tema. Analisa também dois filmes populares de ficção científica que ilustram a compreensão do modernismo cultural.

Harvey dividiu a obra em quatro partes. Na primeira parte, com o título *Passagem da modernidade à pós-modernidade na cultura contemporânea*, procura conceituar modernidade, modernismo e pósmodernismo. Em face desses temas conceituais de caráter controverso e confuso com conotações díspares e mesmo depreciativas (por geógrafos que não acreditam que o pós-modernismo faz parte da sociedade atual) e por conflitar com internacionalismo – nacionalismo – globalismo – etnocentrismo, Harvey analisa dialeticamente o agrupamento desses “ismos” nas ciências humanas e sociais. Afirma que a reprodução da vida social é criada através de práticas de processos materiais, ou melhor, da perspectiva materialista através do tempo e do espaço. Harvey defende que as teorias sociais não consideravam o espaço como uma categoria decisiva, porque talvez partissem de uma idéia de “existência de alguma ordem espacial preexistente na qual operam processos temporais ou que as barreiras espaciais foram reduzidas a tal ponto que tomaram o espaço um aspecto contingente, em vez de fundamental, da ação humana” (p.190).

O autor procura nessa primeira parte concentrar-se na interpretação da arquitetura e projeto urbano como respostas às indagações sobre as percepções pós-modernas. Responde segundo a obra de Raban que o “pós-modernismo não é somente a última moda intelectual importada de Paris, mas a mudança no estilo arquitetônico na qualidade de vida urbana, isto é, representa alguma espécie de reação ao modernismo”. Mas que isso é esquizofrenia, paranóia, é um processo destruidor, um turbilhão de criação dominada pelo conhecimento e pela ciência.

Ainda na primeira parte diferencia modernidade e modernismo. Ser moderno é *ver tudo novo*, é a transformação de si e do mundo, enquanto que modernidade une toda a humanidade, ultrapassa todas as fronteiras da geografia, das raças, da religião, da ideologia e da nacionalidade. Ser moderno é ser parte de um Universo. Modernismo é uma resposta estética a condições de modernidade produzidas por um processo particular de modernização em uma sociedade.

Percebe-se que Harvey usa todos conceitos possíveis para clarear o significado do pós-modernismo, mas em nenhum momento tenta comprovar a sua preocupação em buscar o significado do prefixo *pós*, indicando que ele significa “seguindo-se a” ou “depois de”. Ele procura determinar o que significa o termo em seus diferentes contextos, bem como identificar seu grau de precisão e utilidade como descrição da experiência contemporânea. Um dos conceitos que me chamou a atenção foi que a condição essencial para entender a modernidade é a *Destruição Criativa*, isto é, o novo tem que ser construído a partir das cinzas do antigo. Ser ao mesmo tempo *descritivamente criativo* é ser *criativamente destrutivo*. Tentando entender: a criatividade do *vir a ser* tem que acontecer mesmo que o fim seja em cima de tragédia. “O heroísmo criativo garante o progresso humano”.

Parafraseando a obra de Marx, *O Capital*, Harvey esclarece pelos seus escritos a modernização do processo de produção na sociedade capitalista. Saliencia que Marx foi um dos primeiros grandes escritores modernistas, combinando todo o vigor do pensamento ilusionista e, também porque a teoria da modernização capitalista por ele oferecida contribui com as teses culturais da pós-modernidade. Harvey, assim como outros líderes neopositivistas, vem aprofundando cada vez mais a análise do capital com a organização espacial e desenvolvendo os princípios marxistas. Podemos dizer que o autor faz parte de uma corrente de pesquisa que procura no socialismo as alternativas para uma sociedade capitalista em crise, que procura novos caminhos, novas alternativas, tanto científicas como sócio-políticas para explicar a modernização.

Na segunda parte analisa *A transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX*, procurando representar as grandes modificações ocorridas no processo de trabalho e todos os atores que se envolvem nesse processo.

A espacialidade tradicional do capitalismo é aquela das concentrações espaciais do capital e do trabalho, dos desequilíbrios regionais, das migrações desterritorializantes, da degradação sócio-ambiental, das periferias das cidades, do urbanismo segregador, da involução das pequenas cidades, da modernização predatória do campo, e é assentado nela que se reproduz o sistema. Esta espacialidade foi construída a partir da industrialização e da urbanização, os processos estruturais fundamentais da sociedade pós-industrial ou de consumo, consolidada após a Segunda Guerra Mundial. Conceituada pelos *regulacionistas*, como aquela que se organizou pelo modelo de desenvolvimento *fordista*.

O autor recorre à filosofia dessa escola de pensamento conhecida como a “*escola de regulamentação*” para analisar a contribuição do fordismo na estética do modernismo, enquanto forma de intervencionismo estatal, da internacionalização, formação de mercados de massa globais, globalização da oferta de matéria prima, modernização no sistema bancário, turismo etc. O objetivo básico dessa escola é a estabilização por um longo período, ou seja, a correspondência entre as transformações das condições de produção como das condições de reprodução de assalariados. A obsessão do século XIX com o tempo e a história foi a modernização do capitalismo chamada de *Era Fordista e Administração Estatal Burocrática*. “O espaço foi tratado como o morto, o fixo, o não-dialético, o imóvel. O tempo, ao contrário, foi a riqueza, a fecundidade, a vida e a dialética”. (FOUCAULT, citado por SOJA, 1993, p.11).

A racionalidade econômica capitalista tradicional revelou-se, em termos espaciais, como tipicamente concentracionista, sustentando-se numa economia de concentração. A busca do lucro, os aumentos constantes de produtividade, faturamento e as leis do mercado aplicadas a todas as instâncias sociais consolidaram-se como elementos do processo de acumulação e concentração de capitais nos níveis empresariais e espaciais.

Assim, com todas essas novas experiências nos domínios de organização industrial surgem os primeiros indícios de um regime de acumulação inteiramente novo, associado com um sistema de regulamentação política e social bem distinta, a *Acumulação Flexível*. Termo criado por Harvey que define as inovações no processo de produção, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados, novas técnicas, ou seja, uma corrida em busca do moderno, do atraente, na verdade seria uma revolução em todos os setores, surgindo um novo ciclo de compreensão do espaço-tempo. Percebe-se também que os agentes sociais, sintetizados e abstraídos em capital e trabalho, adaptam-se às novas condições, ou mesmo influem na criação das novas circunstâncias.

Na terceira parte, *A experiência do espaço e do tempo*, Harvey explica espaço e tempo na vida social esclarecendo os vínculos materiais entre processos políticos econômicos e processos culturais. O fundamental da pesquisa é a idéia de que o tempo e o espaço não podem ser compreendidos

independentemente da ação social. Ele considera em particular como o próprio significado e a própria percepção de tempo e do espaço variam, mostrando que essa variação afeta valores individuais e processos sociais do tipo mais fundamental. A marca da vida pós-moderna está marcada por uma sociedade global sem fronteiras, com poderes inovadores. Inovações marcadas por novas condições de trabalho para suprir a demanda vigente, a produção de imagens. *Indústria da produção de imagem* que organiza as manias e modas e tudo o que é fundamental para a experiência da modernidade.

A produção de imagem no cinema de universo futurístico exemplifica muitas das características do pós-modernismo com conceituação dos significados do tempo/espaço e imagens de destruição criativa. A ficção científica com temas pós-modernos mostram no seu contexto a acumulação flexível e a compreensão do tempo/espaço no poder de imaginação que o cinema tem.

Esta obra apresenta especial interesse para estudantes e pesquisadores de Geografia, História, Arquitetura, Economia. Trata-se de um livro de ampla aceitação, não somente pelo exame claro e crítico dos argumentos que cercam as proposições da modernidade e da pósmodernidade, como também pela contribuição à história das idéias e de sua relação com a natureza social e política. Pode ser utilizada tanto em nível de graduação como de pós-graduação, pois apresenta linguagem acessível, e também por ser um clássico da literatura dos Geógrafos.

 **Tarefa individual:** Escolha um livro inteiro ou um capítulo de um livro de seu interesse para resenhar. O tema é livre. Portanto, escolha um assunto com o qual você tenha familiaridade. A exemplo da resenha que você leu, não se esqueça dos movimentos necessários em uma resenha. Por fim, entregue sua resenha ao professor por “e-mail”.

Não há trabalho em grupo para esta seção.

5.4 Artigo acadêmico

O **artigo** é um documento que serve para publicar os resultados de uma pesquisa ou de debates acerca de determinado assunto de forma clara, concisa e precisa. Os dados, as análises, bem como as conclusões, devem representar exatamente o que foi experimentado na realidade.

Um artigo completo é composto por algumas partes, que seguem uma ordem. Contudo, essas partes não precisam ser escritas na mesma ordem em que aparecem. Normalmente, o resumo, a introdução e a conclusão são produzidos por último. Além disso, não é raro o título sofrer alterações ao longo da produção do artigo.



O primeiro item de um artigo é o título, que descreve, brevemente, a essência do assunto, o fluxo de tópicos. A seguir, apresentam-se os nomes dos autores e as instituições a que pertencem.

Aos nomes dos autores, segue-se o resumo, que deve ter em torno de 200 palavras e deve apresentar, de forma clara e concisa, o que o autor fez, de que forma, o que constatou e a importância do estudo. Na verdade, depois do título, é pelo resumo que o leitor vai decidir se vale a pena despende tempo lendo o artigo inteiro ou não. Junto com o resumo, apresentam-se as palavras-chave do artigo, ou seja, palavras que delimitem o domínio em que se inscreve o artigo.

Depois do resumo, aparece a introdução, que situa o leitor com relação ao tema problematizado, à estrutura do artigo, às fundamentações teóricas utilizadas e ao objetivo do artigo. É a introdução que dá uma visão geral do artigo ao leitor. Sendo assim, a introdução deve contemplar o assunto e o objeto do estudo, o objetivo, um esclarecimento a respeito do ponto de vista utilizado na abordagem e o método, trabalhos anteriores sobre o mesmo tema, justificativas para o estudo, bem como os principais resultados.

A seguir, o corpo do artigo descreve todo o caminho percorrido pelo autor, desde suas hipóteses até seus resultados. A parte que trata do método delimita o universo estudado, a técnica de coleta de dados, as limitações da pesquisa. Após aplicado o método, uma outra parte deve apresentar os resultados de forma objetiva, concisa e clara, indicando a relevância desses dados. Há ainda a necessidade de mostrarmos as relações que os dados coletados estabelecem entre si, interpretando-os, e uma parte destinada ao embasamento teórico sobre o qual o artigo se situa. Nesta parte, podemos explicitar também as pesquisas já realizadas sobre o assunto compará-las com os resultados que tivemos obtido.

Além disso, as considerações finais expõem a respeito do que foi provado no artigo, da importância e das vantagens dessa comprovação para a comunidade científica da área, das limitações do artigo, sugerindo trabalhos

futuros que preencham essa lacuna, e da aplicabilidade dos resultados encontrados durante a pesquisa.

Um artigo acadêmico pode incluir ainda os agradecimentos às pessoas envolvidas e que se empenharam na pesquisa. Por fim, vêm as referências bibliográficas, que apresentam as obras consultadas durante a pesquisa e citadas no texto do artigo.

 **Texto:** BUARQUE, Cristovam. A universidade numa encruzilhada. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000035.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2006.

Vejamos o exemplo de um artigo:

 Para acessar o artigo “A universidade numa encruzilhada”, entre no “site” <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000035.pdf>.

 **Tarefa individual:** Escolha um assunto de seu interesse para pesquisar e escreva um pequeno artigo científico sobre esse assunto. O tema é livre. Lembre-se dos movimentos que a construção de um artigo requer e dos aspectos concernentes ao texto, como coerência e coesão. Por fim, entregue seu artigo ao professor por “e-mail”.

 **Trabalho em grupo:** O trabalho em grupo desta seção é composto por algumas etapas:

1. coloque seu artigo no fórum do **ambiente da interação**;
2. escolha o artigo de um de seus colegas para resenhar;
3. entregue sua resenha ao professor por “e-mail”.

